

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SHEILA MERMELSTEIN

O processo discursivo do presidente

Luiz Inácio Lula da Silva

São Paulo

2005

SHEILA MERMELSTEIN

O processo discursivo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Comunicação e Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

São Paulo

2005

M566p Mermelstein, Sheila

O processo discursivo do presidente Luiz Inácio Lula
da Silva / Sheila Mermelstein. - - São Paulo, 2005.

148 p.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, 2005.

Orientação: Prof^a Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

Bibliografia: p. 145 – 148

1. Análise do discurso 2. Ideologia I. Título.

CDD: 401.41

SHEILA MERMELSTEIN

O processo discursivo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Comunicação e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

Profa Dra. Rosemeire Leão da Silva Faccina

Prof. Dr. Carlos Augusto Baptista Andrade

São Paulo

2005

Dedico a todos que me ajudaram
neste processo de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos pela incansável orientação deste trabalho

Ao meu marido Zig

À minha filha Beatriz

Ao meu filho Moris

Ao meu filho Cláudio

Ao meu genro Sandro

À minha amiga Zilla Patrícia Bendit

Ao amigo Rosário

Ao Mack Pesquisa, pelo apoio à pesquisa

RESUMO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sempre provocou interesse do ponto de vista social por ser um* migrante nordestino, nascido em Garanhuns, morador de São Paulo e por ter conseguido ocupar mais alto cargo nos graus da hierarquia nacional, o de presidente da República.

Seus discursos sempre mobilizaram multidões. Inicialmente, como líder sindical em portas de fábrica; depois, como presidente do Partido dos Trabalhadores e, por último, como presidente da República.

Tomando isso como base, este trabalho, filiado à Linha de Pesquisa O processo discursivo e a produção textual, visa a analisar o conteúdo de dois discursos de Lula, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, objetivando examinar o léxico, as formações discursivas e ideológicas e os pressupostos e subentendidos.

As análises do primeiro discurso, proferido logo após a vitória no segundo turno da eleição presidencial, e do segundo discurso, pronunciado no primeiro dia de posse como presidente do Brasil, revelam dois processos discursivos diferentes construídos por dois enunciadores diferentes em momentos diferentes produtores de conteúdos diversos.

Palavras-chave: discurso, formação discursiva e ideológica, pressupostos e subentendidos

ABSTRACT

The president Luiz Inácio Lula da Silva always generated interest in the social stand point. Born in Garanhuns, he came to São Paulo in a “pau-de-arara” (truck used to transport workers in very precarious conditions) and reached the highest point at the national hierarchy: the President of the Republic of Brazil.

His speeches have always drawn multitudes of people: first, as a union leader at the doors of industries, then as president of the Workers Party (Partido dos Trabalhadores) and, finally, as the President of the Republic.

With that in mind, this essay intends to evaluate the contents of two of Lula’s speeches. The first one made soon after the victory on the second round of the electoral poles for the presidency and the second at the day he took over as the president of Brazil.

Two different contents, tow different speech processes, two different moments seen under the light of the French Method for Speech Analysis, which focuses on the examination of the deixis, the development of the speech formation and the presuppose.

Key words: speech formation and ideology formation, presuppositions and implicit.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO 1</u>	<u>15</u>
<u>DE GARANHUNS AO ITAMARATY</u>	<u>15</u>
1.1 A chegada em São Paulo	15
1.2 Lula Trabalhador	19
1.3 Lula Sindicalista	24
1.4 Lula PT	30
<u>CAPÍTULO 2</u>	<u>37</u>
<u>APONTAMENTO TEÓRICO SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO</u>	<u>37</u>
2.1 Considerações Iniciais	37
2.2 Enunciação e Enunciado	42
2.3 Formações Discursivas e Ideológicas	50
2.4 Discurso Político	55
2.5 Pressupostos e Subentendidos	62
<u>CAPÍTULO 3</u>	<u>70</u>
<u>ANÁLISE E RESULTADOS.....</u>	<u>70</u>
3.1. Considerações Iniciais.....	70
3.2 O Primeiro Discurso	74
3.3 Análise do Primeiro Discurso	77
3.4 O Segundo Discurso	103
3.5 Análise do Segundo Discurso	107
3.6 Considerações Finais.....	126

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, que se insere na linha de pesquisa O Processo Discursivo e a Produção Textual, tem como tema a análise da prática discursiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em dois momentos diferentes: o primeiro, minutos após ter sido eleito presidente, em outubro de 2002 com 65% dos votos, e o segundo, no primeiro discurso oficial à Nação brasileira, ao tomar posse, no dia 1º de janeiro de 2003.

Cumprе mencionar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente da classe operária brasileira, rompeu paradigmas importantes da vida política nacional. Sua eleição significou, principalmente, a prevalência da democracia, da vontade do povo, que votou em Lula, como é popularmente conhecido, por acreditar que teria grandes chances de melhorar a vida econômica e social do país.

Como mencionamos acima, nosso trabalho privilegia dois de seus discursos realizados em dois momentos diferentes: o primeiro, realizado depois de ter sido declarado eleito, antes de se dirigir à sede do Partido dos Trabalhadores na Vila Mariana, em São Paulo; o segundo, após a cerimônia de posse no Congresso Nacional, quando se dirigiu do Parlatório do Palácio do Planalto ao público que o prestigiava na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, no dia 1º de janeiro de 2003, ao assumir, oficialmente, o cargo de presidente da República.

Nossa escolha recai no fato de que Luiz Inácio Lula da Silva representa o sonho e a salvação para milhares de brasileiros. É figura de destaque política nacional, atuante líder sindical, criador de um partido político, o Partido dos Trabalhadores, possuidor de carisma, habilidade e determinação, pontos fundamentais que colaboraram para sua trajetória como líder de uma Nação. Sua história difere da de outros presidentes do Brasil. O sindicalista Lula superou as dificuldades e as derrotas como candidato de outros pleitos presidenciais e foi perseverante para alcançar seu objetivo. Soube aceitar as derrotas e prosseguir em busca de seu ideal: a Presidência da República do Brasil.

Assim, o tema escolhido para compor o corpus deste trabalho provoca interesse na medida em que traça aspectos do desenvolvimento do personagem Luiz Inácio Lula da Silva, que se orgulha de não ter diploma, não falar qualquer idioma estrangeiro, não ter freqüentado os bancos escolares e estar ocupando o maior cargo da política nacional.

O fato do sindicalista Lula ter se tornado presidente da República é exemplo de fenômeno social, pois comprova a tese de que, no Brasil, existe a mobilidade social e que, por meio de tenacidade e perseverança, é possível atingir o mais alto grau da escala política, exercendo importante papel da política nacional, governar 175 milhões de brasileiros.

Por ter interesse nesse fenômeno social, exemplificado nos discursos escolhidos, buscamos analisar os textos selecionados, à luz da Análise do Discurso, procurando atingir os seguintes objetivos:

1. evidenciar as marcas textuais encontradas no corpus;
2. apresentar as formações discursivas e ideológicas, a argumentação utilizada como pano de fundo e as influências sócio-culturais existentes entre essas manifestações ;
3. mostrar como o sujeito do discurso utiliza-se de diferentes vozes para chamar a atenção do enunciatário e assume diversos papéis na produção discursiva.

Para o desenvolvimento deste trabalho, apoiamo-nos nas teorias do filósofo Bakhtin (1990), em que texto e discurso fazem parte do contexto social. O discurso é um sistema ideológico e a palavra, a representante dessa relação social. É a materialidade do discurso contida na formação ideológica.

Em Orlandi (1999), vimos o funcionamento discursivo; em Foucault (2004), as explicações sobre a formação discursiva e ideológica. Em Fiorin (2002), as competências necessárias para a produção de um enunciado, a ética na informação e o acordo entre o enunciador e enunciatário. Em Ducrot (1998), o pressuposto e o subentendido.

Para análise, utilizaremos as seguintes categorias:

1. os dêiticos discursivos;
2. as formações discursivas;
3. os pressupostos e os subentendidos.

Esta dissertação compõe-se de três capítulos, assim divididos:

1. “De Garanhuns ao Itamaraty” tem a função de contextualizar a vida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apresentando fatos de sua infância e adolescência, a chegada a São Paulo e o início de sua vida política e a evolução de sua trajetória social.

2. “Apontamento teórico sobre a Análise do Discurso” traz a fundamentação teórica dos elementos que servirão para categorizar a nossa análise. Nesse capítulo, procuramos apresentar estudos de teóricos do discurso, inclusive características do discurso político e autoritário.

3. “Análise do corpus, com aplicação da teoria” contém os dois discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a análise das marcas textuais, com destaque para as formações discursivas e ideológicas, os pressupostos e subentendidos. Este capítulo é seguido das considerações finais.

CAPÍTULO 1

De Garanhuns ao Itamaraty

1.1 A chegada em São Paulo

A trajetória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é de interesse social, na medida em que se observam as diferenças culturais e sociais existentes entre ele e a população brasileira. Nascido pobre, no interior do Nordeste, com reduzida perspectiva em alcançar fama e poder, Lula é um brasileiro que venceu todas as dificuldades surgidas durante sua infância e adolescência. Passou por privações, mas soube tirar de cada uma delas proveito e experiências positivas, tanto que, até hoje, ao ocupar o palanque para se dirigir ao povo brasileiro, consegue se emocionar e emocionar todos que o ouvem, ao relembrar a infância penosa e o esforço da mãe em garantir a sobrevivência da prole.

Sua popularidade é expressiva e vem chamando a atenção de estudiosos que acompanham seu desenvolvimento pessoal. Apesar das dificuldades, Lula mostrou que é possível chegar ao topo, ao ocupar o cargo mais importante do Brasil, o de presidente da República, dirigindo uma Nação composta por 175 milhões de brasileiros.

A história de Lula não é diferente de tantas outras. Natural de Caetés, PE, distante alguns quilômetros de Garanhuns, o pai de Lula, Aristides, foi o primeiro da família a viajar para São Paulo.

Como milhares de outros nordestinos, ele partiu em busca de uma vida melhor, deixando mulher e sete filhos no interior de Pernambuco. A intenção de proporcionar uma vida melhor para sua família era boa, porém, o que ninguém imaginava, é que o Sr. Aristides não tinha o intuito de voltar a Garanhuns. Ele chegou a São Paulo acompanhado de uma prima da mulher, D. Mocinha, e formou uma nova família na nova cidade.

Até os cinco anos de idade, Lula nunca tinha visto o pai. Seu primeiro contato aconteceu quando Aristides reapareceu de surpresa, elegante, de terno e gravata, pois havia ganhado no jogo do bicho e gasto todo o dinheiro para rever a família.

Aristides chegou a Garanhuns, acompanhado de D. Mocinha e de dois filhos, que ficaram numa pensão. O pequeno Lula não se recordava da visita do pai, que ficou tempo suficiente apenas para conhecer o filho caçula e deixar a mãe novamente grávida. Ao voltar para São Paulo, Aristides trouxe o seu primeiro filho, Jaime, então com 13 anos.

Quando chegaram a Santos, Aristides, analfabeto, pediu a Jaime que escrevesse para casa dando notícias. Aproveitando o fato, Jaime pediu à mãe que viajasse a São Paulo com os irmãos. Sem questionar, D. Eurídice vendeu a pequena roça, comprou as passagens para São Paulo, reuniu sua família, seu irmão e viajaram por 13 dias.

A viagem a São Paulo foi feita em um "pau-de-arara", em condições bem desfavoráveis. A família dormia ao relento, na chuva, debaixo do caminhão. O farnel da aventura era composto por rapadura, farinha e queijo. Algumas vezes, banana.

No dia 23 de dezembro de 1952, chegaram à estação do Brás, e os dez membros, prensados em um táxi, seguiram viagem para Santos, onde reencontraram Aristides, que se mostrou surpreso com a visita. Sem opção, alojou a família, provisoriamente, na casa de um compadre em Vicente de Carvalho, vilarejo precário, localizado próximo ao canal de Santos. Dois dias depois, transferiu a primeira família para sua casa, concedendo à legítima esposa o status de primeira esposa, mas não abandonou D. Mocinha, nem seus outros cinco filhos.

Ele se movimentava entre uma casa e outra. Assim, logo D. Eurídice ficou grávida, dessa vez de gêmeos. Ao dar a luz, a mulher entrou em coma, ficando 17 dias no hospital e as crianças acabaram morrendo.

Em Santos, com a proximidade do pai, a vida tornou-se insuportável. Homem de hábitos violentos, Aristides costumava bater nos filhos, por qualquer motivo que fosse: “[...] as crianças menores não podiam brincar, nem jogar bola e, nos finais de semana, eram obrigadas a apanhar lenha no mangue” (MARKUN, 2004 p. 33).

O pequeno Lula reconhecia que, apesar de tudo, os irmãos do segundo casamento possuíam condições mais favoráveis de vida. Andavam vestidos, iam à escola. Assim, ele começou a notar as diferenças sociais existentes entre ele e seus irmãos do segundo casamento.

[...] meu pai era um homem rude. Um dia, estávamos todos juntos. Meu pai comprou sorvete. Eu nunca tinha chupado um sorvete na minha vida. Meu pai deu um sorvete para cada um dos filhos dele com a outra mulher. Aí sobrou um. Ele esticou para me dar, mas não me deu, dizendo que eu não sabia chupar sorvete. Até hoje eu lembro. Isso me marcou muito. Porque o mínimo que a gente espera de um

pai é que o pai ensine o filho a chupar um sorvete (MOREL, 1981 p. 25).

Sentindo-se oprimida e maltratada, D. Eurídice preferiu ir embora. Começou a lavar roupa para fora. Os filhos também deixaram o pai e cada um procurou uma ocupação. O jovem Lula pôs-se a vender laranja, tapioca e amendoim no cais do porto, junto ao irmão mais velho, conhecido como Frei Chico, que de frei não tinha nada.¹ Lula era tímido e não gostava de anunciar os produtos. Para ensinar-lhe, Frei Chico dava-lhe uns safanões. Apesar disso de tanto infortúnio e dificuldade, a vida da família melhorou: nos finais de semana, todos podiam ir à praia.

Em 1955, Vavá (Genival), três anos mais novo do que Lula, encontrou um pacote de dinheiro embrulhado num jornal, no chão do mercado onde trabalhava. Ele guardou o pacote durante uma semana e, como ninguém reclamou, pagou todas as dívidas da mãe e comprou roupa nova para a família. Eurídice, mais animada, resolveu mudar-se para São Paulo, com quatro dos oito filhos. As irmãs, que trabalhavam como domésticas, ficaram em Santos, assim como Lula e Frei Chico, que passaram a morar com seu Aristides e D. Mocinha.

No ano seguinte, em 1956, os dois meninos se mudaram para São Paulo, na Vila Carioca, bairro operário, na divisa de São Paulo com São Caetano do Sul. Além de Lula, moravam na pequena casa alugada sete irmãos e três primos, que pagavam pensão.

¹ Chico tinha uma auréola no meio da cabeça, mostrando uma precoce careca.

1.2 Lula Trabalhador

Lula sabia que para melhorar de vida e obter conforto tinha que conseguir emprego e estudar. Assim, aos 12 anos, Lula tinha dois empregos: trabalhava como engraxate e como tintureiro. Depois, ao concluir o primário, tornou-se *office-boy* dos Armazéns Gerais Columbia. Não teve êxito na nova função: atender telefone e anotar recados o deixava nervoso.

Em 1958, freqüentava a admissão, um curso preparatório com duração de um ano, que permitia o ingresso na escola pública, naquela época considerada de alto padrão de excelência, para dar continuidade aos estudos até a 8ª série, término do ginasial.

Seu sonho era dirigir caminhão, de preferência, os caminhões tanques da Shell. Lula estudou até a 5ª série por exigência da mãe, cujo sonho era que ele fosse aprendiz no SENAI, para que aprendesse a profissão de torneiro mecânico. A chance surgiu. A fábrica de parafusos Marte estava admitindo menores que desejassem cursar o SENAI. D. Eurídice levou Lula para fazer o teste. Ele passou e, no dia seguinte, começou a trabalhar para aprender a profissão de torneiro mecânico.

O jovem, então com 14 anos, vestiu seu primeiro macacão em agosto de 1960. Foi seu primeiro dia como metalúrgico. "Ficou bonitinho", afirmou. Nessa fábrica, Lula permaneceu pouco mais de quatro anos,

alternando seis meses de SENAI e seis meses de fábrica. Sobre esse tempo, ele recordou:

[...] Às sete horas eu saía pra trabalhar. A fábrica ficava a uns 500 metros da minha casa, e eu fui todo prepotente, todo orgulhoso, com aquele macacão. Andar assim na rua e o pessoal ver que eu estava indo trabalhar. Dentro da fábrica eu comecei a olhar, e pra mim tudo era torno. Eu via rosquiadeira pensava que era torno, eu via serra cortando pensava que era torno, prensa era torno, só não imaginava que era torno o torno mesmo (MOREL, 1981 p. 29).

No filme "Entreatos", documentário dirigido pelo cineasta brasileiro João Moreira Salles, lançado em 2004, sobre os bastidores da campanha política de Lula de 2002, encontramos o candidato a presidente do Brasil relembando essa parte de sua vida.

Na fita, o candidato está se vestindo com terno e gravata e comentando a diferença de indumentárias: "É mais fácil se acostumar com terno e gravata do que com aquele uniforme quente".

Voltando à época de metalúrgico, constatamos que Lula desempenhou bem sua função. Integrou-se ao grupo formado por cerca de 50 a 60 empregados da pequena fábrica. Por ser o mais novo, era querido pela turma como mascote. Após formar-se pelo Senai, decidiu pedir aumento de salário na empresa. Seu pedido foi negado e o patrão alegou que Lula lhe devia reconhecimento por permitir seus estudos, e que, portanto, por um período, teria que trabalhar sem aumento.

Em entrevista a Morel (1981), reproduzimos um pequeno trecho, em que Lula defende sua posição:

Eu disse para ele que já estava formado e ganhava pouco e que tinha um velhinho atrás de mim que produzia menos que eu e ganhava o dobro. O dono da fábrica falou pra mim: a gente gastou dinheiro para ensinar você e agora que você aprendeu vai ter de trabalhar barato por algum tempo para retribuir os ensinamentos que nós demos (MOREL, 1981 p. 33)

Lula começou, então, a valorizar o papel que exercia como metalúrgico. Sabia que trabalhava bem e merecia ser mais recompensado por sua dedicação. Pode-se dizer que foi esse o início de sua formação ideológica, de sua trajetória política e social.

O jovem metalúrgico não queria ser explorado. Em 1964, época em que o Brasil vivia um período de governo militar, Lula começou a trabalhar na Metalúrgica Independência, fábrica de botões e puxadores de porta. Foi nesse emprego que ele perdeu seu dedo mínimo, marca característica de seu trabalho como operário, que carrega com grande orgulho.

Como trabalhava à noite, seu colega, com sono, largou o braço da prensa, que esmagou o dedo do metalúrgico. Lula teve que esperar o dono da fábrica chegar para levá-lo ao hospital. O plantonista não teve dúvidas, cortou o resto do dedo².

No ano seguinte, pediu aumento, que também lhe foi negado. Mais uma vez, Lula demitiu-se, ficando novamente desempregado. Dessa feita, durante oito meses. Foi nessa época que surgiu seu interesse por política. Ele gostava de freqüentar comícios, ver o presidente Jânio Quadros. "Ele era bom de palanque", recorda-se.

² Com a indenização, comprou um terreno e móveis para sua mãe.

Aos 15 anos, Lula teve seu primeiro contato com as greves. O ano era 1966, quando trabalhava na Villares. Sua família vivia numa miséria total. Foi na Villares que ele descobriu o significado da palavra parceria.

Eu nunca tinha trabalhado de parceiro. Parceiro é dois caras trabalharem numa única máquina. Um de dia e outro à noite. E aí eu comecei a perceber a jogada do capitalismo moderno, um novo tipo de exploração que em fabriquinha pequena a gente não conhece. Na parceria a empresa promove a concorrência entre dois trabalhadores, levando a uma competição natural. Fica um querendo mais do que o outro. Eu trabalhava com um companheiro, o Zé Lagarto, nem sei que fim ele levou. Eu trabalhava à noite e ele de dia. E esse companheiro tinha uma capacidade de produzir fantástica. Vamos dizer, por exemplo, que ele fazia oitenta anéis de ferro fundido e eu não conseguia fazer trinta à noite (MOREL, 1981 p. 37).

O fato de outro operário fabricar mais peças do que Lula, no mesmo período de horas, alertou Lula sobre a inutilidade de investir maior esforço para receber o mesmo salário, e tentou explicar essa lógica ao colega operário.

A percepção ideológica de Lula começou a se aguçar. Aproveitando isso, Frei Chico, o levou pela primeira vez ao Sindicato dos Metalúrgicos. Lula gostou do movimento do local, da polêmica existente. Tinha consciência de que seu salário era pouco, que o trabalho realizado valia mais. Era de opinião que o patrão deveria pagar mais por produção. Verbalizava suas idéias. Também defendia um acréscimo de salário para o transporte, assegurando o direito do trabalhador de chegar ao trabalho e de voltar para casa.

Como morava em São Caetano do Sul, hoje uma das cidades industriais mais desenvolvidas do Estado de São Paulo, e trabalhava no

bairro do Ipiranga, distante uns 10 km de sua casa, o metalúrgico Lula nunca tinha dinheiro suficiente para garantir as passagens de ônibus até o final do mês.

1.3 Lula Sindicalista

O Brasil vivia pleno período militar, em 1968, quando o jovem Lula participou, pela primeira vez, de uma reunião no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Foi o seu primeiro envolvimento com a política. Lula foi convidado a integrar a chapa de representantes do sindicato na empresa.

Nesse período conheceu sua primeira mulher, a tecelã Maria de Lourdes Ribeiro. Entre o namoro e o casamento, recebeu um convite para ser candidato a diretor de base do Sindicato. Em setembro de 1968, assinou a ficha de inscrição; em abril de 1969 tomou posse como suplente e, em maio desse mesmo ano, casou-se.

O metalúrgico Lula não queria aceitar o cargo de suplente da Diretoria, porque, até então, não participara de nenhuma reunião e nem sabia ao certo quais eram as atividades do Sindicato. Em 1972, um ano após a morte de sua mulher, grávida, passou a ser membro efetivo do Sindicato, cuidando da parte de benefícios. Paulo Vidal era o presidente do Sindicato, e era considerado um dirigente muito capaz. Nessa época, iniciou-se o processo de reivindicação de acordos salariais por categorias econômicas. O objetivo era atender às necessidades de cada categoria de trabalhador.

Foi na função de diretor jurídico do Sindicato, responsável pela área de Previdência Social e também do Fundo de Garantia por Tempo de

Serviço (FGTS), que Lula, com 23 anos, um dos mais novos no Sindicato, conheceu sua atual mulher Marisa, também viúva.

Todo dia, ele telefonava para Marisa, para explicar o andamento dos papéis de benefício de seu marido. Nessa época, o Sindicato crescia politicamente. O Brasil vivia uma ditadura que, por conta dos petrodólares e dos eurodólares, crescia muito. Era a época do “milagre brasileiro”. As pessoas tinham facilidade para arrumar emprego, o reajuste dos salários era mensal ou bimensal.

Um dia, Lula criou coragem e perguntou para Marisa se ela queria se casar com ele. Depois de nove meses e um dia, nasceu seu primeiro filho, Fábio. No mês seguinte, abril de 1975, Lula elegeu-se presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, num evento sem discurso, marcado apenas por uma ata registrada. Lula foi eleito com 92% dos votos.

Segundo Paraná (2002) apud Rainho e Bargas (1983) dez mil pessoas compareceram à cerimônia de posse de Lula. Entre elas, autoridades públicas, como o comandante do II Exército e representantes do governo federal, estadual e municipal.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Lula, no papel de líder sindical, não estava preparado para fazer um discurso formal. Até então, estava acostumado a falar de improviso. Pediu, então, para Maurício Gatto, advogado do sindicato, escrever seu discurso.

[...] se a gente gostava ficava como ele tinha escrito, se não gostava, mudava. Eu sei que ele preparou o discurso. E teve a primeira entrevista que eu dei para a televisão. No

dia da posse eu tremia tanto que precisei sentar. Me deu uma tremedeira muito grande (PARANÁ, 2002 p. 119).

Quando começou a campanha que elegeria Lula para presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, a fábrica onde o então presidente Paulo Vidal trabalhava, havia sido transferida para Mauá. Paulo Vidal era considerado um homem inteligente, cheio de idéias e personalidade forte e tinha a experiência do exercício de dois mandatos. Mas estava desgastado e quase sem nenhum contato direto com os trabalhadores. Em entrevista a Morel (1981), Lula dá seu depoimento sobre essa época:

Veio a eleição de 1975 no sindicato. Outra vez montou-se uma chapa de oposição contra o Paulo Vidal. Eu tive uma reunião com o pessoal da oposição, dizendo a eles que eu ia ser presidente do Sindicato, e eles não acreditavam, achavam que o Paulo Vidal não ia deixar. Isso também porque o nome do Paulo Vidal aparecia como a figura mais importante da disputa eleitoral. E eles fizeram uma chapa de oposição. Mas aí já fizeram uma chapa de oposição um pouco mais tranqüila, ou seja, já não tinha tantos ataques porque durante o processo eles foram percebendo que eu poderia ser realmente o presidente do Sindicato (PARANÁ, 2002 p. 117).

Com a vitória de Lula, Paulo Vidal ocupou o cargo de secretário geral. O relacionamento entre o novo presidente e o ex-presidente do Sindicato não era fácil. Enquanto um falava uma coisa, o outro dizia algo totalmente diferente. Paulo Vidal achava que ia conseguir controlar Lula, considerado “um bom menino, tímido, bem mandado”. Ainda em Morel (1981) temos o depoimento feito pelo irmão Frei Chico:

O Paulo achou que ia continuar a mandar no sindicato. Mas aí o Lula provou aquela teoria que eu defendo também: entrar na diretoria para depois derrubar. O Lula soube usar muito bem essa jogada (MORE, 1981, p. 69)

Lula começou a ter consciência do que representava o cargo de presidente de uma classe operária, de ser o porta-voz dos trabalhadores. Lula, que até então, não dava satisfação a nenhum grupo político, passou a conhecer os trâmites da realidade do movimento sindical e sua importância no contexto sócio-econômico do País. Passou a fazer cursos e viagens.

A franqueza dele, a coragem ao enfrentar a crise de 1975 em São Paulo, quando tomo mundo foi preso. Porque qualquer cara mais normal tentaria se esconder. Mas, como não tinha rabo preso com nenhum grupo político clandestino, ele enfrentava tudo na sua inocência e coragem (MOREL, 1981, p. 69).

O novo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos passou a ir para as portas de fábricas, liderar comícios pedindo aos trabalhadores que participassem das assembléias, para que essas pudessem representar a vontade deles. Lula, que nunca havia falado em assembléias do Sindicato ou usado o microfone, aprendeu rapidamente. Seu discurso demorava, em média, 50 minutos. A maioria deles improvisado. Já naquela época, Lula era considerado um excelente orador, um bom comunicador. Tinha raciocínio rápido, conhecia a formação discursiva dos trabalhadores e, utilizando-se de metáforas, conseguia interagir com o seu enunciatário, no caso o metalúrgico de fábrica, que reconhecia frases de efeito, como fome, comida, salário, repressão, justiça.

Quando Lula tornou-se líder da categoria dos metalúrgicos, São Bernardo do Campo era considerada "a capital do automóvel". Vale ressaltar que parte da indústria automobilística mudou-se para outras

regiões de São Paulo e para outros Estados, por causa da forte atuação do movimento sindical, que conseguia paralisar durante meses, o trabalho local provocando prejuízos às fábricas ali instaladas.

Em seu primeiro mandato, em plena ditadura militar, Lula lançou a campanha pela recuperação das perdas salariais dos metalúrgicos. Em 1978, foi reeleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Sua promessa eleitoral: inovar as campanhas salariais, introduzindo a luta pela reposição salarial e promovendo amplas mobilizações de massa.

Dessa vez, uma ata de três páginas marcou o evento. Figuras da vida pública comparecem à cerimônia, entre elas o prefeito de São Bernardo do Campo, Antonio Tito Costa, o presidente da Câmara Municipal, Aron Galante, representando o governador do Estado de São Paulo, Paulo Egídio Martins, o secretário de Trabalho do Estado, Jorge Maluli Neto e, representando o comandante do II Exército, general Dilermando Gomes Monteiro, o tenente-coronel Geraldo Paschoal Rego.

A posse contou com a presença de mais de 10 mil pessoas, segundo a ata datada de 21 de abril de 1978. Nesse discurso, Lula discorreu sobre as atividades desenvolvidas nos últimos três anos. Destacava a tentativa de encontrar solução para os problemas da classe trabalhadora e o sentimento de frustração ao reconhecer que os empregadores nada queriam proporcionavam aos trabalhadores, a não ser sugar-lhes a capacidade física, até a última gota de suor, enquanto que os governantes

faziam do diálogo uma tentativa de envolvimento em benefício da manutenção do estado de coisas.

O momento foi de tensão. Refutando as críticas, o representante do Ministério do Trabalho, Aluizio Simões de Campos, disse que acreditava nas boas intenções do governo Geisel, destacando que “a nova diretoria deveria ter sempre em mente que jamais seria justo e digno permitir-se ser conduzida por posicionamentos radicais, sejam eles da direita ou da esquerda”.

[...] soltei os cachorros. Mostrei pros trabalhadores que tinha de lutar mesmo, que a gente estava de saco cheio de passar fome, que as autoridades falavam bonito, mas não sentiam a dor no estômago que a gente sentia, que estava chegando a hora da gente soltar o pau. Que a gente tinha de parar. O discurso agradou muito a peãozada, que gritava, batia palmas. Assim que terminou a solenidade, as autoridades foram embora sem me cumprimentar. Saíram bufando, um atrás do outro (MOREL, 1981 p. 124).

Desde essa época, a prática discursiva do enunciador, o metalúrgico Lula, ia de encontro aos anseios dos trabalhadores, seu principal enunciatário. A repressão policial ao movimento grevista se intensificou durante os anos de 1979 e 1980, quando o Sindicato sofreu intervenção federal do Ministério do Trabalho. Vários dirigentes sindicais, entre eles Lula, foram presos e processados segundo a Lei de Segurança Nacional.

O mandato de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos, que terminaria em 24 de abril de 1981, foi interrompido com sua cassação durante a greve do ABC, em 1980.

[...] Sexta-feira, dia 18 de abril de 1980. O dia inteiro gente entrando e saindo da casa de Lula. Na véspera o

governo decretou a intervenção no Sindicato. Lula fez um discurso emocionado e tratou de preparar o espírito dos companheiros: Prestem atenção numa coisa, Companheiros, prestem atenção numa coisa. Talvez eles me prendam. Prestem atenção. Ninguém fala nada. Talvez eles me prendam como prenderam o Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul. E vocês sabem que se eu estiver preso, eu vou ficar puto da vida com vocês. Agora, se eu estiver preso, e ficar sabendo que vocês estão em greve, podem me segurar dez anos lá dentro (MOREL, 1981 p. 104).

1.4 Lula PT

A idéia de formar o Partido dos Trabalhadores, PT surgiu numa reunião do sindicato, quando a diretoria se reuniu para fazer o programa. Em Morel (1981), encontramos o pré-lançamento do Partido dos Trabalhadores:

Não queríamos propor uma campanha assistencialista. Queríamos apresentar para a categoria um projeto político. Tínhamos interesse de mostrar pra categoria que não viria aumento para eles, enquanto não houvesse por parte deles uma manifestação de que queriam o aumento. Não bastava convocar assembléias, era necessário que dentro da fábrica os trabalhadores se manifestassem (MOREL, 1981 p.123)

No dia 15 de julho de 1978, o líder sindical Lula participava do 14º Encontro dos Petroleiros. Na coletiva de imprensa, explicou que estava na hora de os trabalhadores criarem seu próprio partido. Na época, existiam dois partidos políticos: o MDB e a ARENA. O Movimento Democrático Brasileiro - MDB era um partido político de âmbito nacional de oposição ao governo, fundado em 24 de março de 1966, e a ARENA- Aliança

Renovadora Nacional era formada por integrantes que davam apoio ao governo³.

O ex-metalúrgico não queria participar de nenhum desses dois partidos, porque nenhum deles representava os interesses dos trabalhadores. Na época, Lula queria criar um partido que representasse a vontade de todos os trabalhadores e os discriminados socialmente.

O tema provocou polêmica. Em entrevista dada à escritora e jornalista Denise Paraná (2002), o novo político Lula declarou que a burguesia brasileira é hipócrita:

[...] ela admite que o trabalhador até saiba reivindicar, agora, ela não admite que a classe trabalhadora se organize politicamente. Então, quando eu era sindicalista, o tratamento era muito bom. Eu tinha espaço na imprensa. [...] Quando a gente começou a criar o PT, aí então é que começou a haver um divisor de águas (PARANÁ, 2002 p. 139).

A idéia foi tomando forma. O primeiro comício do Partido dos Trabalhadores aconteceu em outubro de 1979, em Feira de Santana, na Bahia. No mesmo mês, em São Bernardo do Campo, o líder Lula comandou a primeira reunião orgânica do PT. Foram eleitos onze coordenadores, oito deles sindicalistas. Lula admitiu, após esse encontro, que não entendia o que os integrantes presentes falavam. A enunciação

³ MDB e ARENA desapareceram em 29 de novembro de 1979, quando o Congresso decretou o fim do bipartidarismo e abriu espaço para a reorganização de um novo sistema multipartidário.

não lhe fazia sentido, uma vez que ele não estava preparado para entender a mensagem. Lula não entendia o que era discutido:

Eles faziam uns discursos que eu não entendia. Um falava de Rosa Luxemburgo, outros de Lênin, de Marx, de Trotski. Eu não queria nada daquilo, eu só queria um partido político, um instrumento político (MARKUN, 2002 p. 184).

Com esse processo discursivo, o Partido dos Trabalhadores, no caso o enunciador nunca atingiria o enunciatário, devido ao grau de complexidade do léxico. Para Lula, o objetivo do PT era lutar pelos interesses dos trabalhadores, ser um partido de massa, pronto para evoluir a cada luta dos trabalhadores. “Você pode definir algumas metas prioritárias, mas colocar num programa uma definição ideológica de uma sociedade, ou uma forma de sociedade, acho impossível” (MOREL, 1981, p. 182).

Em janeiro de 1980, o PT divulgou o manifesto em que se apresentava como meio para a construção de uma sociedade que deveria corresponder aos interesses do povo.

Assim, com a presença de 1.200 pessoas, no dia 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, de São Paulo, o Partido dos Trabalhadores foi criado.

O sindicalista Lula assumiu o comando da Executiva Nacional do PT, em maio de 1980. O Partido precisava de novos militantes. Deveria organizar comissões em pelo menos 20% dos municípios de nove Estados, condição para se obter o registro provisório do partido.

Como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, o ex-metalúrgico Lula viajava atrás de novas adesões para o PT. Conseguiu eleger Jair Meneguelli para presidente do Sindicato. Assim, passou a se dedicar integralmente ao PT, sendo seu presidente de 1981 a 1987; eleito em 1990 e reeleito em 1993 a 1994, quando se afastou para tentar a candidatura à Presidência da República.

A ascensão política foi acontecendo, foi se desenvolvendo. Em 1982, o líder do PT concorreu às eleições legislativas para os governos estaduais e disputou o governo de São Paulo, conquistando o quarto lugar. O processo de abertura gradual do regime levou o PT a defender a idéia de uma campanha popular pelas eleições diretas para a Presidência da República, movimento conhecido como Diretas Já. Lula era uma de suas principais lideranças.

Em 1983, como representante da classe dos trabalhadores, Lula participou da CUT – Central Única dos Trabalhadores; em 1986, candidatou-se a deputado federal pelo Estado de São Paulo, sendo o mais votado do País. Em 1989, concorreu à Presidência da República pela Frente Brasil Popular, sendo derrotado pelo ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello.

Perdeu as eleições de 1994 e reassumiu o comando do PT, em 1995. Em 1998, perdeu as eleições, no primeiro turno, para Fernando Henrique Cardoso. Em 2002, ganhou as eleições, com cerca de 53 milhões de votos, uma votação das mais expressivas do País, derrotando o candidato governista, José Serra.

Paraná (2002) apontava que existe viés naquilo que foi escrito a respeito de Lula e do PT. Destacava que o Partido dos Trabalhadores é era um fenômeno produzido pelo conjunto da sociedade brasileira.

A seu ver, o PT era resultado de uma ampla ação de grande parcela da sociedade de classes, que defendiam seus interesses, mas se relacionavam entre si. Os trabalhadores tiveram influências do mundo externo, acompanharam a evolução econômica para, só então, decidir lutar por seus direitos.

Sendo assim, o líder sindical Lula não apenas representava os interesses de uma classe social, mas também de uma parte da classe dominante, interessada no processo de abertura política.

Para se eleger, o metalúrgico Lula teve que mudar o tom de seu discurso, a maneira como se dirigia ao povo brasileiro. Ele, que sempre dizia que os empresários não concordavam com o desenvolvimento social da classe trabalhadora, lutavam contra a liberdade democrática e contribuíam para a situação de empobrecimento dos trabalhadores, teve, mesmo que à força e a contragosto, mudar de postura, de imagem, de papel.

O líder sindical Lula reconhecia que, se quisesse vencer a eleição para o mais alto cargo da hierarquia nacional, teria que mudar, e muito. Teria que ganhar a confiança de grande parte da população, representada não pelos trabalhadores, mas pelos homens de negócio, pelo empresariado, pelos industriais, pela classe econômica dominante do País.

Sua preparação foi árdua. Seu amadurecimento pôde ser comprovado quando assumiu ser candidato a presidente do Brasil, não apenas como representante de uma categoria profissional, mas cuidando dos interesses econômicos, políticos e sociais de toda a nação brasileira.

Dessa forma, tendo a Presidência como meta, escolheu profissionais para cuidar de sua imagem política. O tom de sua campanha eleitoral mudou radicalmente de uma eleição para outra. A forma de se apresentar à classe empresarial, aos políticos, aos trabalhadores teria que ser coerente e ser reconhecida por todos.

Amadureceu como político e seu processo discursivo sofreu mudança. Os discursos, mesmo os de improviso, como era sua prática usual, teriam como mensagem o bem estar nacional e não eram mais restritos apenas a uma categoria de trabalhadores.

Passou a ser reconhecido por seu nome de batismo e pelo nome que adotou, em 1982, quando concorreu pela primeira vez às eleições para deputado: Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato a presidente do Brasil. Para atingir seu objetivo, mudou a estratégia de comunicação.

Saiu de cena o mal humorado, o "barbudo em mangas de camisa", o metalúrgico Lula e entrou o sorridente, o bem vestido de terno cinza e gravata vermelha (a cor símbolo do PT), com a barba cerrada, bem feita, o candidato da esperança dos 175 milhões de brasileiros, Luiz Inácio Lula da Silva.

Foi abolido o tom imperativo característico das campanhas anteriores e dos discursos do líder contestador, pronto para brigar pelos

direitos dos cidadãos e entrou a imagem de um cara simpático, fazendo o símbolo de paz e amor com as mãos.

Dessa forma, a escolha do corpus se deu pelo interesse de conhecer a prática discursiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um homem que se orgulha de não ter freqüentado os bancos escolares, não ter cursado faculdade e, desde os 25 anos, mobiliza a classe sindical com discursos inflamados, transformando-se num excelente comunicador.

CAPÍTULO 2

Apontamento teórico sobre Análise do Discurso

2.1 Considerações Iniciais

Os analistas do discurso procuram ir além da explicação pelo senso comum para definir o termo - discurso. Eles concordam em colocar o discurso como sendo a forma de linguagem em uso. Porém, isso às vezes soa vago e não é sempre adequado. Os estudiosos introduziram um conceito mais teórico e mais específico em sua aplicação. Enumeram como sendo três as principais dimensões do discurso: a linguagem em uso; a comunicação de crenças (cognição) e a interação em situações sociais.

Para iniciar nosso trabalho, apoiamo-nos nas teorias de Bakhtin, na questão do conceito de produção de sentido, na relação existente entre o mundo, enunciador e enunciatário. Em seus postulados, Bakhtin (1990) valoriza a relação humana, “aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido”. Para Bakhtin, a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação.

Em Bakhtin (2003), observamos que os diversos campos da atividade humana, como a sociologia, a psicologia, entre outras ciências, trabalham a questão da linguagem. Toda língua permite a formação de

enunciados, transmissão de pensamentos, expressão de sentimentos por meio do uso de palavras. E é a palavra que representa a relação social.

Bakhtin (1990) afirma que “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Está presente em todo tipo de relação e é indicadora das transformações sociais, mesmo daquelas que ainda não aconteceram. Seus postulados asseveram que a fala, a *parole* e a enunciação são de natureza social e não pertencem apenas ao indivíduo. A *parole* está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, e (está sempre ligada) às estruturas sociais. Podemos afirmar, diante disso que, a *parole*, é o elo de ligação entre as estruturas sócio-políticas e a ideologia. Assim, toda mudança de ideologia acarreta numa modificação da *parole*.

Para Bakhtin (1990), a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula.

[...] Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 1990 p. 31).

Nos estudos desse teórico, encontramos que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência e que toda sua realidade é absorvida por sua função de signo. “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”

[...] A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham no discurso e não podem ser nem

totalmente isoladas nem totalmente separadas deles (BAKHTIN, 1990 p. 38).

Segundo Bakhtin, a psicologia do corpo é exteriorizada por meio do gesto, da fala, da forma de expressão. É o meio ambiente inicial dos atos de fala. Na psicologia do corpo acham-se submersas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião, as reuniões sociais, enfim, qualquer tipo de interação social.

Cada época, cada grupo social tem seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. Para cada tipo de discurso social corresponde um grupo de temas. Existe o elemento hierárquico que rege as relações sociais e isso, para Bakhtin, tem grande importância e influência no processo comunicativo. O respeito às regras de etiqueta, do bem falar e as demais formas de adaptação da enunciação à organização hierarquizada da sociedade, têm grande importância no processo de explicitação dos principais modos de comportamento.

Weedwood (2002) em seu estudo sobre as teorias bakhtinianas, destaca que:

A palavra chave da lingüística bakhtiniana é diálogo. Só existe língua onde houver possibilidade de interação social, dialogal. A língua não reside na mente do falante, nem é um sistema abstrato que paira acima das condições sociais. A língua é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação. (WEEDWOOD, 2002, p. 152)

Para Bakhtin (1990), a palavra é a representação mais pura do signo, do elemento ideológico. Só o que possui uma significação entre os indivíduos, pode ser chamado de signo, resultado de um consenso social

entre indivíduos organizados socialmente. A forma como pode estar representado é um acordo firmado entre a organização formada por esses indivíduos.

O filósofo propõe chamar os índices de valor do signo com características ideológicas, ainda que realizados pela voz dos indivíduos, *por tema do signo*. Assim, cada signo constituído possui seu tema. O tema ideológico tem um valor social. "Por certo, todos estes índices sociais de valor dos temas ideológicos chegam igualmente à consciência individual que, como sabemos, é toda ideologia" (BAKHTIN, 1990 p.45).

Dessa forma, tema e forma de criação ideológica crescem juntos. O processo de integração da realidade na ideologia é facilmente observável no plano da palavra. Cada indivíduo tem um auditório social próprio, bem definido. Isso permite que se faça a escolha do repertório a ser utilizado conforme a platéia, no nosso caso, o enunciatário.

A palavra constitui o produto da interação entre o enunciador e o enunciatário; serve de expressão a um em relação ao outro. Assim, tendo como base os postulados de Bakhtin (2003), observamos que a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um enunciatário real, este pode estar muito bem representado pelo grupo social a qual pertence o enunciador.

O processo discursivo não inclui apenas o enunciador e o enunciatário – aquele que fala e aquele que recebe a mensagem. Ao receber a mensagem e decodificá-la, concordando ou não com o que foi dito, o enunciatário passa a ocupar um novo papel, o de enunciador. O ato

de resposta não se dá, necessariamente, em voz alta. O fato de ter compreendido a mensagem faz do enunciatário um enunciador. Então, temos em Bakhtin (2003):

[...] Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja pela alternância dos falantes.

[...] Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos dos enunciados nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias. (BAKHTIN, 2003 p. 275).

Na realidade, uma das características do processo discursivo é a existência da interação verbal. Para que ela exista é preciso haver um código comum que permita que enunciador e enunciatário realizem o processo de interação verbal. Em Bakhtin (1990), temos que as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social dos indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma mudança nesse sistema modifica o signo. Dessa forma, todo signo ideológico é marcado por uma situação, por uma realidade, por uma época.

Em sua teoria, encontramos referências a classes sociais e comunidade semiótica. O filósofo define comunidade semiótica como aquele grupo que usa o mesmo código ideológico de comunicação. Embora existam várias classes sociais, representando aspectos diferenciados de uma sociedade, estas se comunicam utilizando um

mesmo código, a mesma língua, porém com valores diferenciados. É esse valor que faz com que o signo continue dinâmico e evolua.

Para dar continuidade ao nosso trabalho, antes de refletirmos sobre as relações existentes entre as formações ideológicas e discursivas (FD e FI), vamos abordar aspectos da enunciação e do enunciado à luz da Análise do Discurso de linha francesa.

2.2 Enunciação e Enunciado

Toda formação discursiva é realizada por meio da enunciação, definida por Fiorin (2002) como o ato de produção do discurso, uma instância pressuposta pelo enunciado, o produto da enunciação. Ao constituirmos um discurso, produzimos marcas lingüísticas e as deixamos visíveis.

A enunciação contém a competência lingüística, a competência discursiva, as práticas de criação textual, a heterogeneidade constitutiva do discurso, isto é, a presença do outro na constituição do discurso e a relação que um discurso mantém com outro discurso.

No enunciado há sempre alguém que diz, o *eu*, o sujeito da enunciação, que operacionaliza a produção. O enunciador realiza um fazer persuasivo, procurando fazer com que o enunciatário aceite o que ele diz, realize um fazer interpretativo. Para exercer a persuasão, o enunciador se utiliza de argumentos que fazem parte das relações que irão ser estabelecidas com o seu enunciatário.

A enunciação envolve intenções entre o enunciador e enunciatário. O enunciado deve representar alguma coisa para o enunciatário, para que seja estabelecida uma relação de sentido. Essa relação enunciador/enunciatário provoca a interação social, onde é firmado um acordo entre ambos.

Fiorin (2002) defende que o enunciador deve fazer uso correto da gramática, valorizar o léxico, utilizar os implícitos, as figuras de linguagem, aproveitar os discursos alheios com a única finalidade de ser mais bem compreendido pelo enunciatário.

Segundo Fiorin (2002), ao se constituir a enunciação, costuma-se deixar marcas. A enunciação define-se como a instância do "eu-tu-aqui-agora". O sujeito da enunciação é sempre um "eu" que diz, no caso desse discurso é o presidente Lula, que ao realizar a produção discursiva define-se no tempo e no espaço.

O discurso funciona como uma atividade que possui um falante, em nosso caso o enunciador, que assume vários papéis, para um determinado enunciatário, que também é formado por diversos tipos de pessoas. Em nossa análise o enunciador é o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumindo diversas funções e papéis a uma platéia, enunciatário, formada por amigos, correligionários, políticos, brasileiros, jovens, homens, mulheres, enfim toda a população brasileira.

Em seu trabalho, Maingueneau (1997) assevera que a enunciação tem o objetivo de interagir socialmente, porém, destaca que o indivíduo que assume o papel de enunciador não é necessariamente o responsável,

o autor da enunciação. O ato da linguagem só é bem sucedido, quando o enunciatário reconhece a intenção associada à enunciação. O caráter interativo da atividade linguagem pode ser observado no conjunto que compõe o desenvolvimento da ação, a topografia social, que abrange a formação discursiva, colocando o discurso e a realidade como pertencente um ao outro.

Em Barros (1999), encontramos que o enunciador assume papel de destinador-manipulador, é responsável pelos dizeres do discurso e é capaz de levar o enunciatário a crer em suas palavras. Essa manipulação é o fazer persuasivo. Ao enunciatário cabe interpretar os dizeres do enunciador.

Em seus estudos, Bakhtin (2003) aponta que "a real unidade da comunicação discursiva é o enunciado".

[...] O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns (Bakhtin, 2003 p. 274).

Dessa forma vemos que em cada época, em cada círculo social, em cada micro mundo sempre existem enunciados investidos de autoridade que facilitam a interpretação por parte do enunciatário. A relação dialógica, a presença do eu e do tu, possibilita a compreensão tanto da interação verbal entre sujeitos, propriamente dito, quanto de relações de persuasão e de interpretação que se estabelecem no texto, que envolvem sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que participam da

construção dialógica do sentido. Para Bakhtin (1990), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados.

Por sua vez, Orlandi (1996) destaca as diferenças de entendimento entre os atos constitutivos de sentido. Para ela, o léxico traz marcas ideológicas interpretáveis. As diferentes formas de dizer estabelecem diferentes relações de interlocução e essas marcas tornam-se perceptíveis na forma com que o sujeito da enunciação se representa a seu enunciatário.

Em sua teoria de polifonia, Ducrot recupera o princípio dialógico de Bakhtin em que o sujeito, ao produzir o enunciado, ao usar o pronome de primeira pessoa eu ou mesmo ao fazer uso de atos ilocutórios, pode não ser obrigatoriamente o mesmo. Essa idéia está explicada no Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação, onde Ducrot destaca (que o sujeito pode ter) três propriedades do sujeito:

1. ele é encarregado de toda atividade necessária à produção do enunciado;

2. ele é o autor, a origem dos atos ilocutórios contidos na produção do enunciado e;

3. ele é designado pelas marcas da primeira pessoa, o proprietário dos objetos qualificados de *meus*, é ele que encontra no lugar chamado *aqui*. É ele que produz o enunciado no qual exprime as promessas, ordens, asserções.

O enunciador fabrica discursos verdadeiros ou falsos, que provocam efeitos de verdade ou de falsidade, dependendo do grau de interpretação

dos enunciatários. Estes devem compreender, descobrir as pistas, compará-las com seus conhecimentos e convicções, acreditarem ou não na prática discursiva.

O enunciador constrói seu discurso com marcas lingüísticas que, para ser compreendido pelo enunciatário, traz uma série de requisitos. A relação dialógica entre o eu e o tu possibilita a compreensão da interação verbal entre sujeitos propriamente ditos – no caso, enunciador e enunciatário.

Para Ducrot (1987), o sujeito que produz o enunciado – o enunciador, aquele que diz “eu”, por exemplo, não precisa ser o mesmo que anuncia os atos ilocucionários, isto é, apresenta as próprias palavras como colocando imediatamente uma transformação jurídica, tornando suas palavras uma obrigação para o enunciatário.

O sujeito dessa polifonia possui três propriedades:

1. é encarregado de toda atividade necessária à produção do enunciado;
2. é o autor, é a origem dos atos ilocucionários contidos na produção do enunciado e
3. é designado pelas marcas da primeira pessoa, o proprietário dos objetos qualificados. É ele que produz o enunciado e que exprime as promessas, ordens, asserções.

Sobre a enunciação, temos em Ducrot (1987 p. 41):

É preciso também levar em consideração a maneira pela qual o enunciador apresenta seu ato de enunciação. A imagem que pretende impor ao destinatário de sua fala

(sentido de um enunciado é, por exemplo, a pretensão manifesta de obrigar o destinatário, no momento mesmo da enunciação, a fazer esta ou aquela coisa, a crer nesta ou naquela proposição, a continuar o diálogo nesta ou naquela direção – ou o que era ser o mesmo, e não continuá-lo nesta ou naquela outra).

Qualquer que seja sua natureza, um enunciado comporta sempre um dizer. E nesse ponto, Ducrot (1987) traça a diferença entre *enunciador* e *locutor*, em nosso caso, *enunciatário*. O enunciador é o sujeito da enunciação, ele traz a marca lingüística do pronome da primeira pessoa do singular *eu*. Se um enunciador é assimilado ao locutor, isso acontece por uma identificação particular, ou mesmo porque o enunciatário assim o deseja. O enunciado produz sentido. Em nosso trabalho, não iremos fazer essa distinção: o locutor assume o papel de enunciador.

É nesse ponto que Ducrot distingue dois tipos de argumentação por autoridade: o primeiro, ancorado na língua, com marcas lingüísticas; o segundo, uma explicação dos fatos.

No primeiro caso, aplica-se um argumento de autoridade quando numa proposição P, P já foi, é ou poderia ser objeto de uma afirmativa. No segundo, quando P é valorizado, como reforço, dando-lhe um peso particular.

Para Ducrot (1989), a autoridade polifônica está diretamente inscrita na língua, apresentando o enunciador como locutor da proposição. Há a introdução de uma voz no discurso, que não é propriamente a do enunciador, que faz a afirmação, mas que vem apoiada na primeira

asserção, resultando numa segunda afirmativa, como uma outra proposição.

De um lado, o enunciador se identifica com o sujeito que afirma, de outro, o enunciador se fundamenta em uma outra asserção para legitimar a afirmação, havendo uma relação entre ambas as afirmações, fundamentando o encadeamento discursivo.

Assim, ao utilizar o exemplo: "Parece que vai fazer tempo bom: deveríamos sair", o condicional parece apresentar o enunciador afirmando a proposição vai fazer tempo bom. Não há possibilidade de provocar o seguinte encadeamento: "Há sempre otimistas: assim parece que vai fazer bom tempo".

É possível substituir a condicional *parece* por *tem gente que diz* ou ainda há quem afirme que vai fazer tempo bom. É um dizer que está inserido em outro dizer.

Parece que vai fazer tempo bom: deveríamos sair pode significar:

1. realmente o tempo vai ser bom;

O enunciador, por sua vez, não se responsabiliza pelo fato, pois não assume a asserção.

A afirmativa, porém, serve para justificar uma outra asserção, dessa vez sim, assumida pelo enunciador:

2. deveríamos sair.

O enunciador se identifica com essa segunda asserção. Isto justifica a argumentação por autoridade: mesmo o enunciador não sendo autor da

proposição, é ele que dá sustentação à segunda afirmativa: deveríamos sair.

Já no exemplo: "Ele me disse que viria. Penso, então, que ele virá". O enunciado provoca uma indução.

O argumento por autoridade constitui uma espécie de raciocínio experimental em que parte do que X diz a Y (na suposição de que X, conforme sua situação ou competência tem boas razões para não estar enganado) é um tipo de implicação entre a proposição que o enunciador enuncia e a própria proposição. É a asserção de uma asserção. É um procedimento retórico.

Na proposição: "Ele me disse que viria. Penso, então, que ele virá." Alguém enunciou que ele viria, há uma asserção da vinda dele. A conclusão a que se chega é praticamente óbvia. Se o próprio disse que viria, praticamente está certa sua presença. Sendo assim, a conclusão a que se chega é que o argumento está implícito de autoridade.

"Ele me disse que viria. Penso, então, que ele virá." O posto torna como certa a presença dele. O enunciador justifica a asserção, reforçando a afirmativa da segunda enunciação. Neste caso, o argumento por autoridade é colocado ao lado do raciocínio por recorrência, indução e raciocínio por analogia. Parte-se do fato que X disse P, com base na idéia de que X tem boas probabilidades de não ter se enganado ao dizer o que disse.

O argumento por autoridade é uma explicação da asserção, é o próprio encadeamento discursivo, que resulta na autoridade polifônica,

pois consiste em reproduzir, na fala, a representação da asserção e, depois, encadear essa asserção como se fosse uma proposição verdadeira.

O recurso da autoridade polifônica estende-se a toda argumentação em que o enunciador se distancia explicitamente. Sobre esse tema, Koch (2004) afirma que o argumento introduzido por autoridade polifônica não se apresenta como autoritário, não pode ser contestado, não pode ser julgado em termos de verdadeiro ou falso, pois é reproduzido por um enunciador diferente do locutor. É uma outra voz responsável pela asserção, que não é propriamente a do locutor.

O enunciador não se comporta de maneira ditatorial, ele reconhece os argumentos, incorpora-os ao próprio discurso, coloca estratégias de relação como de antecipação e do suspense, utiliza o poder de persuasão.

Todo processo discursivo traz características que permitem reconhecer as formações discursivas e ideológicas (FD e FI) contidas nele. Vários estudiosos colocam como princípio fundamental da Análise do Discurso (AD) a FD e FI, que passaremos a tratar a seguir.

2.3 Formações Discursivas e Ideológicas

A FD, introduzida por Foucault (2004), serve para designar enunciados relacionados ao mesmo sistema de regras. Em Foucault, a análise de discurso deriva da idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento, dotada de uma estrutura semiótica interna, e, por isso, voltada à repetição.

Enunciados relacionados ao mesmo sistema de regras fazem parte da formação discursiva. Para Foucault (2004), não existe o princípio de individualização de um discurso porque ele não é fechado em si mesmo, há uma dispersão natural. O discurso traz experiências individuais e sociais. Esses elementos ativados trazem novos discursos. Um enunciado pertence a uma formação discursiva.

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação e constitui, ao mesmo tempo, deslocamento no seu espaço. O discurso é considerado uma prática resultante da formação de saberes e estes se apresentam como um sistema de relação entre os objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. O discurso seria concebido como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

Para Foucault (2004), o discurso é um conjunto de enunciados, apoiados numa mesma formação discursiva. Dessa forma, temos que a prática discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas, em tempo e no espaço, dentro de uma época, circunscritas a um determinado campo a área social, econômica, geográfica e lingüística.

Assim, são propriedades constitutivas do enunciado que:

1. este se relacione com alguma coisa, estabeleça algum referencial, fazendo com que se materialize no tempo e no espaço. É aquilo que o enunciado enuncia;

2. este se relacione com o enunciador – o sujeito, o fundador do pensamento e do objeto pensado, funda sua significação, porém que não esteja fechado no sujeito, é um espaço a ser preenchido por diversos indivíduos. O sujeito não é unificante, assume diversos estatutos. O sujeito é redimensionado no processo da organização da linguagem;

3. o enunciado integra-se a uma série de enunciados;

4. o enunciado difere de enunciação. A enunciação é marcada pela singularidade, pois jamais se repete; o enunciado pode ser repetido.

A produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos. O discurso é o espaço em que o saber e o poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente.

Estudando as teorias de Foucault (2004), encontramos que a FD é uma distribuição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites e de recortes, que está presente em todo o processo discursivo. É uma característica dominante do discurso político, que traz como referência a visão de mundo de uma determinada classe social.

A FD contém a formação ideológica. Toda formação social é possível de ser caracterizada por estabelecer uma relação entre classes sociais, implicando na existência de posições políticas e ideológicas, que se organizam em formações, mantendo entre si relações de antagonismo, de aliança ou de denominação.

Se a formação ideológica está nos pensamentos, estes são exteriorizados pelo discurso. Foi assim que o lingüista Pêcheux (1997)

introduziu a noção de que a FI está presente nas condições de produção do enunciado. Pêcheux (res)significa a formação discursiva, introduzindo-lhe o elemento ideológico.

Nos estudos de Pêcheux (1997), vemos que é no discurso que as relações entre a prática política e a ideologia se desenvolvem. A ideologia está presente na produção discursiva. Porém, o estudioso procura discernir as relações entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia.

Para Pêcheux (1997), toda prática discursiva está inscrita no complexo das formações discursivas. Os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso por formações discursivas que representam, na linguagem, nas formações ideológicas que lhes são correspondentes. Essas formações mantêm entre si relações de efeitos pré-construídos, resultando num trabalho produtivo.

Segundo Pêcheux, não há prática discursiva sem sujeito, isto é, todo sujeito coloca-se como autor e responsável por suas palavras e por suas formações ideológicas. A identificação do sujeito como autor de seu discurso se dá pela identificação com sua formação discursiva.

Pêcheux (1997) destaca ainda duas formas de sujeito: o sujeito da enunciação e o sujeito universal. O primeiro assume a posição de sujeito do discurso, identifica-se a uma formação discursiva, resultando no assujeitamento. O segundo sujeito evocado por Pêcheux é o "mau sujeito", é aquele que assume posições contrárias ao sujeito da enunciação, provocando dúvidas, questionamentos contra os instrumentos que o sujeito universal lhe deu.

Baseado em estudos teóricos marxista-althusserianos, Pêcheux (1971) enfatiza que toda a formação social está caracterizada por uma relação entre as classes sociais. Isso implica na existência de posições ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam entre si formando alianças. Essas formações ideológicas incluem uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito.

O estudioso defende a teoria de que existe um discurso exterior ao sujeito, uma FD na qual o sujeito se identifica. Essa formação discursiva é aberta, pois sempre aparecem novos elementos, sob a forma de novos sujeitos que atravessam esse discurso.

Uma FD insere-se em outras formações discursivas e suas fronteiras se deslocam em função dos jogos da luta ideológica. Sob a perspectiva teórica, uma formação discursiva se constrói e se configura como um gesto de interpretação, funcionando, portanto, como um princípio de organização metodológica.

Brandão (2004) analisa os aparelhos ideológicos de Althusser, que faz com que cada indivíduo tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade, ocupando determinado posto em um grupo ou classe social, que mantém uma relação entre si. Porém, em um determinado momento, essas relações podem se confrontar devido às posições ideológicas e políticas que são constituídas.

Parafraseando Fiorin (2000), podemos concluir: assim como uma FI impõe o que pensar, a FD determina o que dizer. Ambas caracterizam o

discurso político, criando efeitos que atraem o enunciatário, estabelecendo com ele uma relação de conhecimento, confiança e cumplicidade. Esse tema será tratado a seguir.

2.4 Discurso Político

O discurso político tem como característica convencer o enunciatário do valor das palavras. Porém, para que atinja esse objetivo, o discurso político utiliza-se de recursos lingüísticos, como a paráfrase, a repetição, a utilização de pronomes de tratamento, principalmente nas primeiras pessoas do plural e do singular. Há uma relação dialógica entre o enunciador e o enunciatário, o enunciador ora assume o papel de sujeito do discurso, ora de enunciatário, fazendo um jogo entre o eu e o tu.

Para Coracini (1991), o homem público, ao elaborar seu enunciado, usa o raciocínio do tipo indutivo. Ele procura induzir o enunciatário. “O homem público observa a situação de seu país, as necessidades, reivindicações, hábitos e ideologia de seu povo”. Esse enunciador faz uma adequação de sua observação conforme seus interesses, não há imparcialidade, ele assume valores que acredita serem importantes para serem transmitidos a seu enunciatário.

Para reforçar essas idéias, traçaremos um paralelo entre o discurso político e o discurso científico:

[...] enquanto o político ilude o seu ouvinte colocando-o em situação de decidir o seu próprio futuro pelo voto (embora na prática, pelo menos no Brasil, seja sempre o

governo que detém o poder de decisão), o cientista parece querer promover o seu leitor, pela descrição minuciosa da experiência realizada (embora se saiba, por testemunhos, que nem tudo o que ocorre é dito), à condição de possível repetidor (CORACINI, 1991 p. 45).

O discurso político norteia-se por meio da utilização da estrutura inversa da transitividade, "Ao povo cabe decidir"; vem marcado por palavras carregadas de pressupostos ideológicos, como: "honestidade", "coragem", "Nação". Procura atingir o enunciatário colocando expectativas comuns, como no exemplo: "O que precisamos é ter um governo legitimado pelo voto do povo, o que acontecerá, sem dúvida alguma, no próximo dia 17 de dezembro". Há ainda o envolvimento pessoal entre o enunciatário e enunciador, que aceita o dito, graças à força persuasiva e à manipulação psicológica dos argumentos.

O enunciatário aceita passivamente as propostas discursivas, pois o enunciador utiliza-se de instrumentos de dominação. Há certa subordinação por parte do enunciatário, que aceita o processo discursivo do enunciador como sendo seu.

Se compararmos o discurso político com o propagandístico em geral, cujo único intuito é o de vender produto, podemos destacar que o discurso político vende idéias e é marcado pelo aspecto situacional, geralmente tenso e conflituoso. O clima de competição com outros políticos está presente. O jogo do poder é explícito.

Tanto no discurso político como no científico, chegamos a conclusão que o enunciador, de certa forma, domina seu enunciatário, pelo próprio uso da linguagem.

Isso fica evidente nas marcas lingüísticas do léxico do discurso científico, complexa para o enunciatário leigo. O enunciador, no caso, o especialista ou o cientista, envolve o enunciatário com seu processo discursivo, ele obedece às normas impostas pela comunidade que representa, a científica. Uma característica desse processo é o uso da terceira pessoa, a não pessoa.

Nesse tipo de discurso, o enunciador utiliza-se tanto do modo dedutivo como o indutivo, fazendo com que o enunciatário aceite suas idéias. O enunciador deve comprovar seus resultados para ter credibilidade.

Enquanto o homem público observa a realidade em que vive, a situação de seu país, a ideologia de seu povo, o cientista recolhe material, faz leitura, analisa e observa, utilizando experimentos em laboratórios. Enquanto o primeiro seleciona dados em função de seu público, o segundo elabora a hipótese e seleciona dados relevantes que comprovem a sua enunciação. Porém, tanto o discurso político como o científico tem o objetivo de provocar reação no enunciatário.

No primeiro, essa reação pode vir pelo processo da vaia, de votos, de aplausos; já no segundo, não há uma reação imediata. Mas em ambos, os resultados são importantes para o enunciador, ambos são subjetivos, na medida em que os argumentos devem estar baseados nas convenções partilhadas pelas duas comunidades interpretativas.

O mau funcionamento das estruturas sociais dentro da política pode levar a uma crise, resultando numa revolução, por exemplo. Na ciência, a

crise se reflete, quando a comunidade científica percebe que o paradigma proposto não convence totalmente. Enquanto a crise política reduz o papel das instituições vigentes; na ciência, reduz o desempenho de um determinado paradigma.

Explicando sobre o resultado que essa crise pode provocar, Coracini (1991) destaca que:

Quanto mais se aprofunda a crise, mais diverge a opinião pública. Quanto mais os paradigmas entram em debate, mais os grupos de cientistas se armam de argumentos para a defesa de um novo. E mais: tanto num caso como no outro, a forma de raciocínio e a apresentação lingüística têm de ser atraentes e persuasivas (CORACINI, 1991, p. 46).

Ainda sobre o discurso político, pesquisamos as teorias de Osakabe (1999). Para esse estudioso, o discurso político tem sua semanticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre as pessoas e a situação. Se for realizada uma análise interpretativa do discurso, esta deve trazer todas as significações que emanam das relações entre enunciador e enunciatário. O autor retoma Bakhtin, ao admitir que o discurso seleciona e cumpre regras de comportamento social.

O estudioso diferencia discurso político teórico de discurso político militante. Destaca que ambos precisam cumprir inúmeros atos de linguagem, porém, a maior diferença entre um e o outro está na estruturação, no seu contexto e, principalmente, no enunciatário. A argumentação sociológica e o apelo emotivo estão de um lado, e de

outro, o enunciatário intelectualizado e, no presente trabalho, o povo brasileiro.

Não se pode pensar em discurso como realização de um único ato de linguagem, mas de dominância de um ato sobre outros. Osakabe (1999) cita os verbos ilocucionários característicos do discurso político. São os verbos: prometer, advertir, pedir, confessar. E isso tem uma explicação: ao fazer o juramento para o enunciatário, o enunciador parece querer incluir-se num ato perlocucionário, procurando ser abrangente e tentando convencer o ouvinte de sua sinceridade, porém, é no contexto no discurso, em sua relação pragmática, que este verbo deve ser considerado. O mesmo acontece com o verbo prometer, que é um reforço à força perlocucionária do discurso.

Para Osakabe (1999), quem é o responsável pelo discurso exerce o poder de dominação.

Quem enuncia é, no momento específico em que enuncia, a entidade dominante, na medida em que é ela quem manipula as coordenadas do discurso. Sob esse aspecto, o dominador será sempre o locutor, coincida ou não essa dominação com a dominação efetiva, social ou psicológica (OSAKABE, 1999 p.70).

A citação acima esclarece que cada situação resulta num processo discursivo diferente e irá se revestir de significações, conforme a relação entre enunciador e enunciatário. Se para o enunciador, o enunciatário tem uma função passiva, de dominado, para que o discurso possa evoluir e alcançar o objetivo, o enunciatário deve ter reações, mesmo àquelas que não as esperadas pelo enunciador.

A imagem que o enunciatário tem do enunciador político é outra característica do discurso político. O enunciador irá procurar se ajustar à imagem de homem público que o enunciatário quer ter dele, tornando-se dependente de uma instância mais ampla que a sua individualidade, assumindo um papel mais abrangente. O enunciador, dessa forma, assume a imagem geral de homem público procurando corresponder aos modelos pressupostos por seus enunciatários. Procura, inclusive, legitimar valores importantes de sua platéia.

Muitas vezes, a imagem de homem público assumida pelo enunciador sofre mudanças. Enquanto candidato, o enunciador se coloca como representante de forças nascidas pela ação do povo, se coloca como um representante do povo para justificar sua posição. Em seguida, coloca-se diretamente ligado a interesses maiores, da Nação, do povo brasileiro.

Embora esteja ligado com seu enunciatário, preocupado com o que ele pensa de sua pessoa, o enunciador do discurso político não explicita claramente suas ações políticas. Ele se esconde num tipo de sujeito intelectualizado, que procura colocar posições de imparcialidade, em nome do bem comum. O fato de ter determinada posição política vira mera coincidência.

O enunciador sofre mudanças de papel ao se dirigir, primeiro como candidato político e, depois, se consagrado a esse cargo, como vemos a seguir:

Se, enquanto candidato, o locutor se justifica como representante de forças fundadas no próprio povo, por exemplo, enquanto chefe de governo, situando-se acima da

própria força que o conduziu ao poder, ele se caracteriza como diretamente ligado a um interesse mais amplo e mais abstrato e mais geral ainda: a Nação (OSAKABE, 1999, p.86).

Podemos destacar que no discurso político, o enunciatário tem papel duplo para o enunciador: ele não se resume apenas na instância que o ouve, mas torna-se um parceiro político, um aliado. O enunciador tem a preocupação de promover o enunciatário a uma posição de tomada de decisões na estrutura política. Essa participação, por parte do enunciatário, interessa ao enunciador, mesmo que este não tenha condições reais de decisão.

A função do enunciador do discurso político é envolver o enunciatário, colocando-o a seu lado, anulando ou até mesmo diminuindo a possibilidade de críticas sobre sua pessoa e engajá-lo, tornando-o um aliado, um cúmplice, que aceita as decisões e adere aos pontos de vistas expostos.

O discurso político traz em si a formação discursiva persuasiva. Quando a prática discursiva submete o enunciatário a um processo de dominação, sem permitir qualquer tipo de interferência promove um discurso exclusivista que não concede mediações.

Sobre o discurso autoritário, Citelli (2002) postula:

O signo se fecha e irrompe a voz da autoridade sobre o assunto. Aquele que irá ditar verdades como um ritual entre glória e a catequese. O discurso autoritário lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo (CITELLI, 2002 p. 39).

Outra característica desse tipo de discurso é que o processo discursivo se torna redundante, a paráfrase é uma constante e faz parte de quase todos os parágrafos. Procura aplainar as diferenças existentes, fazendo com que as verdades de uma instituição sejam a expressão da verdade de todos. É o enunciatário aceitando a prática discursiva como sendo sua.

Muitas vezes, a enunciação chega ao enunciatário de maneira subentendida, não traz a intenção de forma clara. O enunciatário, então, utiliza seus saberes para interpretar a mensagem e extrair da enunciação algum significado. Isso é o que denominamos de pressupostos e subentendidos, marcas lingüísticas que fazem parte da enunciação e possuem sentido tanto para o enunciador como para o enunciatário.

2.5 Pressupostos e Subentendidos

Ao enunciarmos, certamente estamos querendo transmitir alguma coisa, alguma mensagem. Muitas vezes, isso não está claramente contido no contexto do enunciado, acha-se na superfície, naquilo que chamamos de subentendido, implícito.

Os implícitos são informações que não estão no enunciado, não estão escritos ou ditos, mas são recuperáveis de acordo com as marcas textuais, por exemplo, dos atos denominados ilocucionários. Estes pretendem impor ao enunciatário certo tipo de conclusão como sendo a

única direção do sentido do enunciado. Cabe ao enunciatário chegar à conclusão.

Ducrot (1998) assevera que o enunciado sempre traz uma pressuposição, um subentendido, que permite acrescentar alguma coisa sem dizê-la, sem um comprometimento e que, dentro do enunciado, o posto pode ser compreendido e aceito, mesmo que seu pressuposto não seja admitido. O pressuposto não pertence ao enunciado, o posto sim. O pressuposto não está marcado no enunciado. Se o subentendido é a resposta a uma pergunta, só pode aparecer no momento da enunciação. Pertence ao sentido sem estar antecipado ou prefigurado na significação.

Pressuposto e subentendido se opõem pelo fato de não terem (sua) origem no mesmo momento da interpretação. Ducrot descreve a pressuposição como um ato de fala, um ato ilocutório, análogo ao da interrogação, asserção, negação. O ato ilocutório tem a função de induzir a fala, utilizando o repertório do enunciador; o ato perlocutório não tem efeito imediato, não há necessidade de atingir o objetivo, na realidade, é indiferente atender as expectativas ou não.

O ato ilocutório tem poder intrínseco atribuído pelo autor. Há uma eficácia que se apóia nas palavras e em seus significados; o perlocutório, por sua vez, não tem o poder de atingir o enunciatário, não é imediato. As palavras podem ser ditas, sem, no entanto, influenciar diretamente o ouvinte.

A pressuposição é um elemento do sentido: dizer que se pressupõe algo é anunciar que se deseja que determinado fato aconteça. O

subentendido, ao contrário, destaca a maneira pela qual o sentido é manifestado, o processo, ao término do qual se deve descobrir a imagem que se pretende dar à fala. Na concepção de Ducrot, o melhor processo que ilustra o subentendido é: “para dizer alguma coisa, faz-se o outro dizer o que se disse”.

O pressuposto apresenta-se como uma forma comum entre dois personagens de um diálogo. Ele está na superfície da enunciação. O subentendido permite uma interpretação particular de codificação e decodificação, é a produção de sentido que está na enunciação, porém não de forma explícita. É o significado e este varia conforme a formação ideológica.

Ducrot destaca que, quando não se pode mudar, interrogativa ou negativamente um enunciado, sem que a enunciação perca o sentido, pode-se encadear uma série de pressuposições. Temos como exemplo: “Fui à Alemanha com Pedro”.

O pressuposto atribuído é que: “Fui à Alemanha” ou “Viajei com Pedro”.

Nenhum desses elementos se mantém pela negação ou interrogação. Ao acrescentarmos o advérbio de negação “Não fui à Alemanha com Pedro”, determinamos que a ação não aconteceu. O enunciador não viajou à Alemanha, mas Pedro foi. Isso nos permite até mesmo a seguinte interpretação: “Viajou à Alemanha, mas sem a companhia de Pedro”.

Sobre os pressupostos, temos:

E chamarei pressupostos de um enunciado às indicações que ele traz, mas a partir dos quais o enunciador não quer (quer dizer, faz como se não quisesse) fazer recair o encadeamento. Trata-se de indicações que se dão, mas que se dão à margem da linha argumentativa do discurso. Se admite essa concepção, é possível reconhecer como pressupostos, ao nível do enunciado, elementos semânticos que, nas teorias clássicas, não teria direito a esse rótulo – pois não é possível descobri-los, ao nível de frases por meio de critérios tradicionais (Ducrot 1989 p. 38).

Ducrot (1989) concluiu também que são considerados pressupostos em um enunciado, o que é trazido pelo enunciado, não de forma argumentativa.

Ao enunciar: “Você está quase atrasado”, podemos chegar à seguinte conclusão:

1. A pessoa não se atrasou;
2. A pessoa estava prestes a se atrasar;. A pessoa chegou em cima da hora.

O advérbio de tempo *quase* chama a atenção para a idéia central que é a da pessoa que estava chegando atrasada, mas chegou a tempo.

O subentendido decifrado pelo enunciatário, diz respeito à maneira pela qual o sentido é manifestado, segundo a intenção do enunciador. O mesmo acontece com a pressuposição, onde a informação é colocada ao lado do discurso.

Segundo Maingueneau (2001), os implícitos são formas do enunciatário inferir uma proposição. O tipo de implícito se evidencia pelo confronto do enunciado com o contexto. Utilizaremos o mesmo exemplo de Ducrot (1987) para distinguir pressuposto de subentendido:

“Jacques não despreza vinho.”

É para evitar a afirmação absoluta “Jacques adora vinho” que foi colocado o advérbio de negação. Isso deixa claro que Jacques aprecia vinho, mas não a ponto de torná-lo algo fundamental. Cabe ao enunciatário dar o sentido que melhor convier. O subentendido permite acrescentar alguma coisa, “sem dizê-la ao mesmo tempo em que ela é dita”.

“Jacques gosta muito de vinho.”

Esse enunciado não é uma pressuposição, é um fato.

Ducrot (1987) assim se coloca :

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação (DUCROT, 1987 p. 20):

Utilizando as imagens temporais como propõe o autor, o posto se apresenta simultaneamente no ato da comunicação, como se tivesse surgido pela primeira vez, no universo do discurso, no momento da realização do ato.

Ainda citando Ducrot (1987):

[...] o pressuposto e, com mais razão ainda, o posto apresentam-se como contribuições próprias do enunciado (mesmo que, no caso do pressuposto, esta contribuição se restrinja à lembrança de um conhecimento passado). Eles se apresentam como se tivessem sido escolhidos concomitantemente ao enunciado e empenham, a seguir, a responsabilidade daquele que escolheu o enunciado (mesmo que, no caso do pressuposto, o locutor tente partilhar esta responsabilidade com o ouvinte, disfarçando o que diz sob a aparência de uma crença comum)(DUCROT, 1987, p 21).

A pressuposição aparece como uma tática argumentativa dos interlocutores; é relativa à maneira pela qual eles se provocam e pretendem se impor uns aos outros. Está na forma de continuidade do discurso. Pode ser marcada a partir do nível do enunciado que, confirma, então, no que tange à língua, no sentido mais tradicional do termo, a idéia de que a utilização polêmica da linguagem não se acrescenta à língua – em virtude de alguma lei de discurso ligada à natureza humana.

O subentendido é a maneira pela qual o sentido do enunciado deve ser compreendido pelo enunciatário. Se disser que pressuponho algo, pretendo obrigar meu enunciatário a aceitar a minha fala, sem lhe dar o direito de continuar meu raciocínio. O subentendido, por outro lado, é a maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo pelo qual se deva descobrir a imagem que se pretende transmitir, trata-se de um implícito da imagem que é dada no ato da enunciação, sem que se assumam a responsabilidade pela fala.

Para Maingueneau (1996), o implícito tem papel fundamental: dizer nem sempre é dizer explicitamente, a atividade discursiva entrelaça constantemente o dito e o não dito. A lingüística distingue três elementos que apóiam os conteúdos implícitos: a competência lingüística para os pressupostos; o conhecimento das leis de discurso; o saber enciclopédico, o conhecimento das convenções dos diversos tipos de gêneros discursivos.

Dessa forma, podemos concluir que os implícitos atuam como instrumentos de comunicação e que podem ser usados como um recurso

defensivo de linguagem. Diretamente, o enunciador não disse determinada coisa, mas faz uma série de inferências que permitem deduzir alguma coisa. Essa decodificação é uma atividade complexa e exige domínio da linguagem. É um enigma que é deixado para o enunciatário resolver.

O pressuposto, por sua vez, está na inferência inscrita no enunciado, independentemente da variedade dos eventuais contextos enunciativos, e pode ser distinguido de duas formas:

1. o posto, nas palavras que formam a enunciação;
2. o pressuposto, no plano de fundo sobre o que se apóia o posto.

Dependendo de como são colocados, os conteúdos não recebem o mesmo estatuto interpretativo.

Se os postos são apresentados como aquilo ao que se refere a enunciação e, portanto, submetidos a uma contestação eventual, os pressupostos lembram de maneira lateral elementos cuja existência é apresentada como óbvia. Essa assimetria é capital; permite focalizar a atenção sobre o posto e fazer passar discretamente o pressuposto. Decerto, os pressupostos não são necessariamente utilizados para finalidades manipuladoras, mas é inegável que oferecem essa possibilidade.

O pressuposto desempenha papel importante na construção da coerência textual, pois, para progredir, um texto se baseia na informação colocada que se converte depois em um pressuposto.

Os pressupostos distribuem-se em dois níveis: o do enunciado fora de contexto e o do enunciado em contexto, que se baseia na tematização, que se encontra na superfície, no encadeamento das idéias e que produz o efeito de sentido. Essa tematização é a formulação de valores, organizados em percursos, utilizando palavras que dão significado ao texto e o tornam coerente.

As marcas lingüísticas do pressuposto também podem ser reconhecidas pelo pronome de tratamento da primeira pessoa do plural, *nós*, enquanto que o posto vem identificado pela primeira pessoa do singular, *eu*. Já o subentendido é repassado ao enunciatário, *tu*. E que, tanto os pressupostos, como os subentendidos, permitem ao enunciador dizer algo, sem se responsabilizar pelo dito.

Diante dessas considerações sobre a prática do discurso, procederemos à análise do corpus dessa dissertação, ou seja, a análise de dois discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

CAPÍTULO 3

Análise e Resultados

3.1. Considerações Iniciais

A escolha do corpus se deu pelo interesse de conhecer a prática discursiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um homem que se orgulha de não ter freqüentado os bancos escolares, não ter cursado faculdade e, desde os 25 anos, ter mobilizado a classe sindical com discursos inflamados, transformando-se num excelente comunicador.

Dessa forma, vimos como material de estudo, as análises de dois discursos do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. O primeiro proferido após ser oficialmente declarado presidente, no dia 27 de outubro de 2002, ao ganhar a eleição em segundo turno do candidato José Serra. O segundo proferido no Parlatório do Palácio do Planalto, no dia 1º de janeiro de 2003, já como presidente eleito do Brasil, após a posse pela Câmara dos Deputados.

Para análise, utilizaremos as seguintes categorias:

1. as marcas lingüísticas lexicais;
2. as formações discursivas e ideológicas e;
3. os pressupostos e os subentendidos.

O presidente eleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, assume o papel de enunciador, é responsável pelos dizeres do discurso e induz o enunciatário a crer em suas palavras. É o destinador-manipulador e faz dessa manipulação o fazer persuasivo. Nesse papel de enunciador, o

agente espera do enunciatário que este interprete seus dizeres e interaja, aceitando a enunciação como sendo sua.

O enunciador constrói seu discurso com marcas que devem ser interpretadas pelo enunciatário, que faça sentido para o enunciatário, mas para que isso ocorra, cabe ao enunciador, no caso o novo presidente eleito, levar em consideração os aspectos sociais e culturais do enunciatário, a formação discursiva. Parafraseando Bakhtin (1990) temos que cada indivíduo tem um auditório social próprio, bem definido. Isso permite que se faça a escolha do repertório a ser utilizado conforme o enunciatário, a platéia.

A formação discursiva, portanto, do novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva obedece a regras já conhecidas pelo enunciatário. Vindo da classe operária, o metalúrgico que acaba de assumir um dos principais papéis da política nacional, conhece o léxico que deve ser utilizado para atingir o enunciatário e ser reconhecido por ele, considerando as condições de produção como constitutivas do discurso.

Assim, nos dois discursos, o enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, coloca-se como principal agente do processo discursivo, usando muitas vezes a primeira pessoa do singular eu, mas envolvendo o enunciatário para que este interaja de acordo com a expectativa do enunciador.

No primeiro discurso, temos um enunciador que assume inúmeros papéis. Observamos a existência do enunciador Lula, no papel de operário, fazendo parte da massa trabalhadora; do enunciador Lula, no

papel de líder sindical e representante do PT; de Lula, amigo; de Lula, marido; de Lula, candidato a presidente e, finalmente, de Lula, presidente da República do Brasil.

Já no segundo processo discursivo, todos esses papéis vão perdendo a força para realçar a função de um enunciador que assume o cargo de presidente do Brasil e que antecipa, por meio de informações, a proposta eleitoral, privilegiando a paráfrase, a permanência de um sentido único dito de diferentes formas.

Nessa prática discursiva encontramos o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva fazendo uso de técnicas do discurso autoritário, pois a maioria dos parágrafos está marcada por paráfrases, com o objetivo de fazer com que o enunciatário compreenda a mensagem e o aceite como sendo de autoria do próprio enunciador.

Nosso trabalho, portanto, consiste em observar as marcas lingüísticas lexicais e acompanhar a evolução que ocorre já no segundo discurso, quando se dirige ao enunciatário, o povo brasileiro. O enunciador, como presidente da República, obedece às regras formais que cabe ao novo cargo que passa a ocupar a partir daquele dia 1º de janeiro de 2002.

Apontaremos em alguns parágrafos os pressupostos e subentendidos baseando-nos, para isso, nos postulados de Ducrot (1987). O presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, o enunciador, faz uso de uma voz que não é a sua, mas que ele assume como tal para ser reconhecido e identificado pelo enunciatário. Observaremos que o

enunciador, o presidente Lula, no desempenho do papel de autoridade máxima do País, solicita a ajuda de todos para realizar um bom governo. Embora esteja ocupando o cargo de presidente da República, ele procura isentar-se, em alguns casos, de total responsabilidade. Como faz uma convocação geral de apoio a seu governo, procura dividir seus deveres com o enunciatário, interagindo com ele e fazendo com que o enunciatário assuma para si a responsabilidade dele, o enunciador, realizar um bom governo.

Vemos que o enunciador, ao realizar a enunciação, principalmente no que se relaciona às condições de seu governo, procura ter o apoio da coletividade, dividindo as responsabilidades de seus atos. Utiliza, para isso, de um ato ilocutório, apresentando as palavras, induzindo o enunciatário a ter uma reação. Nessa busca pelo apoio, procura ter a cumplicidade do enunciatário. Seu apelo é o de realizar um governo tendo ao lado a sociedade brasileira.

As marcas lingüísticas do pressuposto são reconhecidas pelo pronome *nós*, enquanto que o posto vem identificado pela primeira pessoa do singular *eu*. O subentendido é repassado pela identificação do tu. É a forma pela qual esse sentido é manifestado, o processo pelo qual se pretende transmitir determinada imagem. O implícito está na cumplicidade formada entre enunciador e enunciatário. O enunciatário aceita o dito como sendo seu.

Assim, ao analisarmos os dois discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, temos marcada uma nova posição de sujeito. O homem Lula

deixa de ser a esperança apenas de uma classe, a trabalhadora, e passa a representar os anseios de 175 milhões de brasileiros.

O enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva acaba de assumir o mais importante papel da vida pública e política nacional. No segundo discurso, ao contrário do primeiro, o enunciatário não é apenas o formado por correligionários e amigos. Além desses simpatizantes, a enunciação tem como referência um enunciatário maior, ou seja, toda a Nação brasileira.

Procederemos a seguir à análise dos dois discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com o objetivo de apresentar as marcas lingüísticas da dêixis. Em seguida, faremos a análise das formações discursivas e ideológicas e, por fim, apontaremos os pressupostos e os subentendidos.

3.2 O Primeiro Discurso

Íntegra do primeiro discurso de Lula como presidente eleito, proferido no dia 27 de outubro de 2002.

1. Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta da meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, onde eu irei fazer um pronunciamento. Hoje é apenas alguns agradecimentos.

2. Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores.

3. Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

4. Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país.

5. Quero dizer para vocês que esse resultado eleitoral me obriga a afirmar a todos vocês que, embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros.

6. Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar esse país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não será suficiente para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário.

7. Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário nesse continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente de paz, onde os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente.

8. Quero dizer ao meu querido companheiro Genoíno que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar.

9. Mas você vai perceber, meu companheiro Genoíno, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima vitória. Para quem veio de Quixeramobim,

ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoíno, foi um dos candidatos mais brilhantes que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor.

10. Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida pelo Zé Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país.

11. Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo. E hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.

12. Por último, eu quero agradecer essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. Já conversei com meu adversário, José Serra, recebi um telefonema dele agora pouco. Já conversei com muitas outras pessoas pelo país afora. Já agradei em público à minha mulher durante muito tempo, durante a campanha. Mas acho que esse companheiro aqui não foi a única, mas foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram nessa campanha de 2002. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice. Nós vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

13. É que eu não posso ficar com o microfone que eu tenho vontade de falar. Nós vamos ter que ir para a Avenida Paulista, tem muita gente lá. Amanhã nós vamos ter uma coletiva, mas... que vou fazer um pronunciamento. Eu ainda tenho que cumprimentar algumas delegações de estrangeiros que estão aí.

14. Quero agradecer do fundo da minha alma a todos os companheiros que no primeiro turno e no segundo turno trabalharam de forma incansável. Quero agradecer à direção do meu partido e a direção dos partidos aliados. Quero dizer que sem vocês eu não seria o Lula em paz e amor dessa campanha. Muito obrigado.

3.3 Análise do Primeiro Discurso

Ao proferir esse primeiro discurso, informal, o candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva mantém um ato conversacional entre o eu – o enunciador Lula e o enunciatário tu – você(s) reforçando a interação verbal existente entre o enunciador e o enunciatário. O presidente eleito havia tentando a eleição para Presidência da República por três vezes consecutivas pelo Partido dos Trabalhadores e, para ele, a vitória tinha um significado pleno, pois representava a vontade da população brasileira.

É comum encontrarmos desvios da norma culta padrão, parágrafo 1, linha 2, nos discursos proferidos pelo novo presidente, principalmente quando este fala de improviso, uma de suas características. O enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, até hoje, quando realiza seus discursos de improviso, pratica erros de concordância, que refletem sua origem, da qual tanto se orgulha.

Após a eleição em segundo turno, no dia 27 de outubro de 2002, Luiz Inácio Lula da Silva recebeu a notícia de que havia sido eleito presidente da República. Antes de sair ao lado de sua esposa, Marisa, para a sede do PT, na Vila Mariana, ele dirigiu-se a seus correligionários que o esperavam para cumprimentar-lhe.

Limitaremos a identificar a ocorrência por meio do ambiente espaço-temporal. A dêixis está presente na situação de comunicação imediata, na relação mantida com o interlocutor no momento da enunciação, no

ambiente e no clima. Marca as intenções e as motivações pessoais do enunciador, pois auxiliam o estabelecimento da função do discurso analisado sob o aspecto conversacional.

O aspecto espacial e temporal aparece logo no primeiro parágrafo, quando o candidato eleito assume o eu sujeito, o novo presidente da República, e explica que, no dia seguinte, fará uma coletiva de imprensa e um discurso diferente.

1. Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta da meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, onde eu irei fazer um pronunciamento. Hoje é apenas alguns agradecimentos.

Os tempos verbais marcam o espaço físico e o tempo do processo discursivo. O uso dos verbos no presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito e o presente no valor do futuro, como vemos a seguir: “Nós vamos ter que ir para Avenida Paulista e, amanhã, nós vamos ter uma coletiva”, efeitos de sentido subjetivos porque ele está totalmente envolvido com o que acontece. Os verbos no pretérito imperfeito sugerem atos concomitantes em relação a outro fato já passado “Queria dizer para vocês que o ato de governar...”. O uso das locuções verbais está sempre presente nesse ato conversacional.

O enunciador, o candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva mantém com o enunciatário uma conversa, pois explica, logo no parágrafo 1, que naquele momento fará um pronunciamento curto, alguns agradecimentos. O novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva faz o uso pragmático da linguagem, procurando a completa interação com o enunciatário.

O espaço está demarcado pelos advérbios aqui, Avenida Paulista, Brasil, continente, Quixeramobim, São Paulo, Rio de Janeiro, país, comunidade internacional, aí.

O objetivo do enunciador é a completa interação de seu processo discursivo com o enunciatário. O jogo de palavras se situa na intimidade, marcada predominantemente pelo uso dos pronomes *eu*, *nós* e *você*. Até então, o ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva tinha a posição de porta-voz da classe trabalhadora, que pretende continuar como tal, já que a maioria dos trabalhadores brasileiros o considera seu líder natural, amigo de luta, que durante décadas os acompanha na busca de um país mais justo socialmente.

Podemos deduzir que a mensagem do novo presidente eleito é de cunho pessoal. Enunciador e enunciatário estabelecem completo grau de intimidade. Durante esse pronunciamento formado por 15 parágrafos, o enunciador eu-Lula assume novos papéis, conforme a evolução do processo discursivo.

No parágrafo 1, é o enunciador o homem comum Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato que fala. Recém-eleito, ele dá um aviso: "... eu quero dizer a todos vocês que amanhã por volta da meio dia, nós iremos fazer uma coletiva, onde eu irei fazer um pronunciamento. Hoje é apenas alguns agradecimentos".

Nesse momento, o homem Lula, trabalhador, assume o papel de presidente, para, em seguida, assumir outro papel, o de amigo, que está apenas fazendo algumas declarações, sem importância, "apenas alguns

agradecimentos”. Ao dizer “nós iremos fazer uma coletiva”, usa a primeira pessoa do plural, o enunciador assume também o papel de presidente da República, de maneira confusa, porque novamente utiliza a primeira pessoa do singular, “onde eu irei fazer um pronunciamento”, passando a ocupar novamente a figura do candidato eleito para o cargo mais importante da Nação.

O nós, no caso acima, significa uma posição coletiva. O enunciador coloca-se como seu porta-voz e também seu participante. O novo presidente eleito, o homem Luiz Inácio Lula da Silva até individualiza uma posição, tornando-a mais forte, vivaz e envolvente.

Nesse contexto, o enunciador realiza um fazer persuasivo, induz a que o outro aceite o que diz com a finalidade de fazer o enunciatário acreditar no que diz. Inicialmente, o novo presidente eleito tece elogios ao enunciatário para que ele receba esse discurso de maneira receptiva e realize o fazer interpretativo, conforme parágrafo 2.

2. Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores.

O enunciatário pode entender melhor certos aspectos do que está sendo comunicado e aceitar aquilo que está sendo dito. Acontece, então, a relação enunciador/enunciatário. A competência lingüística está no jogo de palavras, no processo argumentativo, na competência interdiscursiva, no conhecimento do mundo do enunciatário.

As relações sociais entre enunciador/enunciatório começam a se estabelecer. Os agradecimentos, a atitude humilde diante da batalha vencida, a figura do vencedor pronto para ouvir e pedir conselhos. A interpretação das significações variará, conforme a colocação dos papéis assumidos entre o enunciador e o enunciatório - o candidato do PT, oriundo da classe trabalhadora, dirigindo-se a seus adeptos, amigos, que estiveram juntos conquistando uma vitória sobre dezenas de outros partidos políticos. O candidato eleito Lula é o porta-voz dos trabalhadores brasileiros e está mudando de papel para assumir o cargo máximo da política nacional. É o oposto do que fez até então. Ele mostra a força do homem trabalhador, lutando pelos direitos de seus iguais para mudar de papel, numa inversão de perspectiva.

No momento em que agradece a vitória, o candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva assume a posição de recém-eleito presidente da República – que se compromete de certa forma, a cumprir determinadas regras e interesses. Em sinal de respeito e de humildade, agradece pelo espetáculo de democracia até então nunca visto. O enunciador, o novo presidente Lula exagera ao usar os termos “extraordinário espetáculo de democracia”, porque não foi ele o primeiro presidente eleito pelo povo e, sim, Fernando Collor de Mello, em 1990, depois de 25 anos de período militar, que teve início com a queda de João Goulart, em abril de 1964.

No contexto, ao se referir ao **extraordinário** (grifo nosso) espetáculo de democracia, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressa o caráter grandioso e surpreendente do cenário visto até então.

Isso porque as eleições transcorreram em absoluta calma, sem marcas de qualquer tipo de incidente. Ele praticamente expressa isso no parágrafo 2 e mostra a sua surpresa.

Do ponto de vista ideológico, a vitória para o candidato Luiz Inácio Lula da Silva representa sua ascensão social, política e ideológica. Esse momento de ufanismo pode ser traduzido como uma forma de destacar o fato de ter sido eleito presidente da República, por mais de 50 milhões de brasileiros. Democracia, em seu sentido estrito, é a forma de governo emanada do povo, ou seja, o povo governa a si próprio por meio dos representantes eleitos, de acordo com a vontade popular. Dessa forma, legitima-se a soberania dos cidadãos nos desígnios do país.

O enunciador Lula que sempre serviu de porta-voz de uma classe menos prestigiada, formada por trabalhadores, donas de casa, líderes sindicais, intelectuais, representa a legitimidade da vontade do povo.

Os elogios, então, servem para assinalar o acontecimento, o *espetáculo de democracia* oferecido pelo povo brasileiro, do qual, do jeito que elabora a frase, ele não faz mais parte. Ao dar *parabéns ao povo brasileiro*, o enunciador, o novo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva assume um outro papel, o de autoridade, o de novo representante do povo brasileiro. Nesse ponto, coloca-se fora do discurso, o enunciador atua como um observador que está analisando um comportamento apresentado pelo povo que o elegeu. O enunciador está acima do povo, como se estivesse apenas olhando, observando as reações. Há um

distanciamento marcado pelo estilo constitutivo da linguagem com a condição da produção.

Ainda sobre essa produção de sentido, podemos destacar a marca lingüística de que algo agradável aconteceu. Com o conhecimento de mundo, o enunciatário reconhece que esse agradecimento lhe é dirigido, porque foi ele o responsável pela ação, o voto, que permitiu ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, no caso, o enunciador, o sujeito da ação, fazer esse pronunciamento. Há um processamento rápido e funcional da informação. Nesse caso específico o enunciador parabeniza ao povo brasileiro pelo espetáculo de democracia que esse povo deu ao escolhê-lo, como sendo seu presidente da República.

Imbuído da autoridade que lhe é conferida por ganhar a eleição, continua o processo de agradecimento no parágrafo 3, agora denominando as instituições e os responsáveis pela organização do pleito. É Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente da República, que se posiciona em sinal de reverência e respeito às instituições políticas, inclusive faz referência a seu antecessor, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, elogiando a atitude de transição democrática.

3. Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

O enunciador assume o papel de presidente da República e reconhece o fato de que ex-presidente, que está lhe passando o poder,

esteja atuando de forma adequada aos destinos do país, com respeito. Ao agradecer seu antecessor, o novo presidente quer encontrar no antigo dirigente a legitimação de sua vitória.

No parágrafo 4, o enunciador continua seu voto de agradecimento. Dessa vez à população brasileira como um todo. O candidato eleito especifica quem faz parte desse povo brasileiro – os homens, as mulheres, os adolescentes. Agradece a todos que votaram nele e em seu vice-presidente José Alencar. Ele deseja aproximar-se do enunciatório, ao agradecer, inclusive, as pessoas que não votaram nele, mas em seu adversário, mas que puderam exercer o direito de escolha, um direito político adquirido depois de anos.

Pratica a humildade ao se dirigir aos eleitores que não votaram nele, porém, imbuído de poder, pois acaba de se tornar presidente da República. O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva deixa de ocupar uma posição de subordinado e passa a ser a figura principal da política brasileira. Volta a enaltecer o fato de a democracia vigorar no Brasil, permitindo que a população possa escolher quem ela deseja para representá-la no mais alto cargo de poder.

4. Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país.

Ao mesmo tempo em que, de maneira humilde, agradece e dá a sua opinião sobre a decisão adotada pelos milhares de brasileiros que votaram

nele, faz com que o enunciatório seja reconhecido por ter tomado essa atitude. Procura estabelecer uma relação com o eleitor que não votou nele, persuadindo-o de que a maioria tomou uma atitude correta com os destinos do País.

Ao se referir ao vice-presidente José Alencar, usa o jargão comum companheiro. O termo companheiro traz a marca do discurso sindical, predominante no ato de linguagem do novo presidente da República desde o início de sua vida política, ainda quando era membro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

O candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva, quando se dirige às massas populares, usa no início de suas palavras o termo companheiro e companheira, como forma de aproximar-se de cada uma dessas pessoas, tornando-as integrante de seu estilo de vida. Assim, ao usar o termo companheiro referindo-se ao empresário José Alencar, dono de uma tradicional tecelagem, procura estabelecer um vínculo de amizade e intimidade e romper com o preconceito que trabalhador não se relaciona com empresário.

Na vida política, José Alencar foi presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, presidente da FIEMG (SESI, SENAI, IEL, CASFAM) e vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria. Candidatou-se às eleições para o Governo de Minas em 1994 e, em 1998, disputou uma vaga no Senado Federal, elegendo-se senador por Minas Gerais com quase 3 milhões de votos. No Senado, foi presidente da Comissão Permanente de Serviço de Infra-Estrutura – CI, membro da

Comissão Permanente de Assuntos Econômicos e membro da Comissão Permanente de Assuntos Sociais. É dono do maior complexo têxtil do país, a Coteminas, detentora das marcas Artex, Santista e Calfat.

O elemento ideológico está presente em todos esses parágrafos. O novo presidente cita o apoio político encontrado pelos partidos PC do B, PL, PCB e PMN, as instituições, como o Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Cita o apoio dos partidos políticos, nomeando cada um deles, como instituições partidárias que o ajudaram a se eleger. O homem Luiz Inácio Lula da Silva assume o papel de autoridade, de candidato eleito a presidente, que encontra apoio político nessas instituições partidárias. Ao se referir a elas, o enunciador reconhece o valor de cada sigla como representativa para o resultado final de sua eleição.

Tanto no parágrafo 3 como no 5, encontramos manifestações da formação discursiva, com a nomeação das instituições e o reconhecimento da autoridade dessas entidades, como vemos abaixo:

Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

O novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva cumpre os formalismos e denomina as instituições oficiais. Seu discurso traz idéias e valores que transmitem ideologia, que obedecem a um critério, pois nomeia as

instituições conforme o grau de importância e representatividade de cada uma delas.

[...] embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros.

O enunciador fraciona-se em papéis e dizeres. Pela primeira vez, coloca-se acima dos interesses particulares, sua voz assume a de presidente de um País, que irá representar uma população formada por 175 milhões de brasileiros. É em nome desse papel, que ele se obriga a ocupar a posição de presidente eleito do País. Nesse caso, o verbo obrigar significa submeter-se a uma determinação, a uma ordem maior, o resultado eleitoral.

Ao se tornar presidente, Luiz Inácio Lula da Silva deixa de lado sua atuação como líder de uma classe desprivilegiada, para representar os interesses políticos e econômicos de uma Nação. É como se ele fosse obrigado a cumprir um determinado papel, um determinado ritual, colocando-se como um enviado especial.

No parágrafo 6, encontramos o convite para dividir, junto com o enunciatário, a responsabilidade de governar. Ao usar o verbo governar, o enunciador pratica um ato ilocucionário para, em seguida, promover o perlocucionário, na convocação da sociedade brasileira. O ato de governar cabe ao candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva, enunciador do discurso, que procura apoio no enunciatário para que isso seja possível.

6. Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar esse país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não será suficiente para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário.

A argumentação de que apenas o presidente da República ou o seu vice não são capazes de realizarem um bom trabalho, sem o apoio geral da população brasileira, faz parte da cumplicidade formada entre enunciador e enunciatário. Há a formação de uma relação constitutiva entre o enunciador e enunciatário.

Nesse caso específico, o ato da linguagem, o falar e o ser bem interpretado, processa-se por meio de um jogo. Há uma condição pressuposta, de que o novo presidente só ira conseguir governar se contar com o apoio de toda a população.

A relação dialógica, a presença do eu e do tu possibilita a compreensão da interação verbal. A relação estabelecida entre enunciador/enunciatário envolve sistemas de valores e possibilita a construção dialógica do sentido.

Ora o líder sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva assume o papel de presidente recém-eleito, ora de candidato, ora de um amigo procurando justificar algo, se por acaso não conseguir fazer determinada ação corretamente. Se, em um momento realiza promessas, no outro, pede

ajuda e, num terceiro ainda, age com humildade antecipando representações, a partir de seu próprio lugar como enunciador.

O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva solicita ajuda para realizar o mandato e faz uma convocação geral, característica de discurso político, que quer levantar as massas. Numa primeira interpretação, pode-se considerar que ele está se dirigindo a todas as pessoas honestas do Brasil. A metáfora homens de bem é interpretada como pessoas que fazem o bem, trabalham em entidades beneficentes, pessoas que não fazem mal, pessoas inseridas em um contexto social, que possuem vida ativa.

O novo presidente coloca homens e mulheres de bem como pertencendo a uma categoria diferente de pessoas. Ele categoriza o povo brasileiro para valorizar o apoio de cada uma dessas categorias. Isso nos permite pressupor que cada uma dessas categorias pertence a uma classe social também diferenciada. Os intelectuais, a massa pensante, diferente dos empresários, considerados elites econômicas, que, por sua vez, diferem dos trabalhadores rurais, que também não pertencem à classe dos sindicalistas. Os homens e mulheres de bem não possuem instituição que os representem, ao contrário dos intelectuais, empresários, trabalhadores rurais e sindicalistas que possuem organismos civis que, de certa forma, representam o interesse dessa classe social.

Em nenhum momento, no parágrafo 7, abaixo, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva faz referência direta ou indiretamente aos estudantes. Em toda sua vida política e partidária, embora tenha sempre tido o apoio da classe estudantil, sempre a considerou privilegiada. O candidato eleito

Luiz Inácio Lula da Silva nunca acreditou na aliança estudante-trabalhador. Ao fazer a convocação para um Brasil melhor, o enunciador não se refere diretamente aos estudantes, embora tenha feito citações aos intelectuais.

[...] portanto, nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem desse país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário.

Além de diferenciar as categorias de pessoas que o ouvem, Lula coloca o advérbio de intensidade para enfatizar o que para ele, presidente da República, representa ser um bom governo: “construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário”. Ao abordar esse aspecto, está realizando uma pressuposição de que irá construir um país diferente do que está encontrando e que, até então, não era tão justo, tão fraterno e tão solidário.

No caso acima, o novo presidente induz ao enunciatário que pretende corrigir todos os problemas do País. Aproveitamos para citar Citelli (2002) sobre as características encontradas nos discursos autoritários, que até então não tínhamos feito referência: “O discurso autoritário procura aplainar as diferenças, fazendo com que as verdades de uma instituição sejam expressões da verdade de todos”.

Embora no parágrafo acima existam marcas lingüísticas típicas do discurso autoritário, o enunciador continua seu processo discursivo atenuando essa característica, evidente.

O enunciador utiliza o pronome indefinido variável todos/toda várias vezes, de maneira genérica, porém com o intuito de englobar a sociedade brasileira, como um todo. O novo presidente Lula quer contar com o apoio de todos os brasileiros para legitimar o seu governo. Ele está autorizado pelas instituições e, portanto, pode sugerir condutas a serem seguidas.

Ao se dirigir à comunidade internacional, no parágrafo 7, abaixo, deixa de falar em nome do presidente eleito de um País, para ocupar um papel mais elevado. Aplica seu conhecimento de mundo para prever que o Brasil pode vir a ter um papel relevante na economia internacional. O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva se coloca como um intermediário dessa ação, como se fosse um enviado especial, a figura do herói pronto para defender os interesses da Nação.

7. Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário nesse continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente de paz, onde os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente.

Ao usar o verbo achar na primeira pessoa do singular, o enunciador, o novo presidente eleito do Brasil, faz conjecturas, acredita que o fato de ser presidente implica em mudar o país. Dirigindo-se à comunidade internacional, deixa o enunciatário de lado, e sai em busca de um outro, muito maior, que não está presente. Pode alcançá-lo através de imagens e este o conhecerá pelas atitudes magníficas que terá.

“(Eu) acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário, nesse continente, para que (nós) possamos construir um mundo efetivamente de paz”. Mais uma vez há cruzamento oculto entre a primeira pessoa do singular e do plural. Numa primeira perspectiva o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva, presidente eleito da República acredita que o Brasil pode jogar, ora um país não joga, um país tem políticas que podem ser utilizadas para determinadas funções.

O verbo achar está diretamente relacionado com a existência de uma ação. O enunciador, mais uma vez, pressupõe que sua atuação poderá mudar a perspectiva do Brasil na comunidade latino-americana. O enunciador faz uso de metáforas ao citar a importância do Brasil no contexto latino-americano. Aproveita a imagem de um jogo de futebol para explicar ao enunciatário seu ponto de vista. Ele compara o Brasil como uma partida de futebol, onde cada adversário tem que fazer a sua parte para ser o merecedor da vitória. O candidato eleito acredita que o Brasil pode ditar as regras desse jogo e pretende fazer o que está ao seu alcance para que isso aconteça.

Embora seu pronunciamento fosse num cenário informal, entre amigos, o enunciador, o novo presidente do Brasil fez questão de externar sua opinião sobre a América Latina, mostrando o poder de sua força transformadora. Ele pressupõe que algo muito diferente poderá acontecer, se o Brasil estiver bem representado, e é o que ele se propõe a realizar, a ser um representante adequado na condução do jogo político brasileiro.

Com essa imagem, coloca-se como o salvador da pátria, um anjo que anuncia um fato inesperado, um agente que se coloca como intermediário para que coisas boas aconteçam. O enunciador passa a ocupar o eu, herói, a figura do conquistador, que fará tudo o que estiver a seu alcance em busca da paz e do crescimento visando um bem maior, a paz definitiva do continente americano. “[...] e farei o que estiver ao alcance do presidente da República para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente”.

O enunciador assume a voz da instituição, da autoridade, impositiva, que procura convencer, alterar atitudes e comportamentos, características do discurso de dominação. Essa voz conclama para si a responsabilidade de atos grandiosos, **a paz como uma conquista definitiva do nosso continente**, (grifo nosso), algo difícil de ser mensurado e, principalmente, de ser conseguido sem o apoio e a participação de todos os países que compõem o continente latino-americano. Isso implica numa participação direta do novo presidente diante dessa meta.

Nos parágrafos 8 e 9, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva volta a assumir a postura de amigo, que conforta, que pronuncia palavras de ajuda. Foge totalmente ao discurso formal, às regras estabelecidas e dirige-se diretamente a seu amigo de partido político, candidato derrotado ao governo de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores, nesse mesmo pleito, José Genoíno.

9. Quero dizer ao meu querido companheiro Genoíno que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar.

10. Mas você vai perceber, meu companheiro Genoíno, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima vitória. Para quem veio de Quixeramobim, ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoíno, foi um dos candidatos mais brilhantes que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor.

Dirige-se ao amigo, com o termo "querido companheiro". Justifica o fato de Genoíno não ter sido eleito governador por São Paulo não como uma derrota, porque ele não era o governador da cidade. O verbo perder e ganhar tem um novo significado para o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Em Houaiss, encontramos o verbo perder com as seguintes acepções: sem a posse de; ter mau êxito, malograr; sofrer derrota. e ainda no sentido de deixar escapar.

O enunciador faz o jogo de palavras entre perder e ganhar. Serve-se do discurso proveniente da filosofia de auto-ajuda, a derrota servindo como amadurecimento para enfrentar novas batalhas. O enunciatário atua como se estivesse confabulando com o em enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A imagem é reconfortante. É como se o enunciatário interagisse diretamente com o enunciador e também passasse a mão sobre a cabeça de Genoíno. A primeira pessoa do singular marca o sentimento do homem Luiz Inácio Lula da Silva, o amigo, o enunciador, que elogia o bom humor e a vontade do derrotado, como sendo fatores fundamentais para um Brasil melhor. Novamente, temos a

presença do candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva onipotente, que dá sua opinião e esta está acima de qualquer coisa.

Com o mesmo tom de amizade e intimidade, volta-se a José Dirceu e à primeira governadora negra do Rio de Janeiro, Benedita da Silva. No parágrafo 10, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva destaca o fato dele e José Dirceu serem responsáveis por ela ter aceitado o cargo de governadora, tornando-se a primeira negra a ocupar lugar de destaque na política nacional.

10. Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida pelo Zé Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país.

O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva justifica o fato de Benedita da Silva ter assumido um cargo de liderança pública. Salienta a distância cultural e social existente na população negra e usa a memória histórica, comprovando a tese de que está havendo uma mobilidade social entre os negros do Brasil. Ao se referir a isso, no momento do seu discurso informal de posse, aproveita para evocar o tema porque o considera de grande importância e deve estar inserido em seu discurso.

A formação discursiva e ideológica pontua todo esse parágrafo, de um lado destacando a dificuldade de Benedita, negra, colocar-se como

governadora de um estado como o Rio de Janeiro, de outro, enaltecendo a coragem dela em assumir um posto com tanta responsabilidade.

Benedita da Silva é uma das negras que se destaca no cenário político nacional, pois é a primeira senadora negra do Brasil e ocupou o cargo de governadora do Rio de Janeiro de abril a dezembro de 2002.

O candidato eleito recorre a fatos históricos para valorizar a vida de Benedita da Silva. Compara o fato de ela assumir o governo do Rio de Janeiro como sendo um dos mais importantes, depois da libertação dos escravos, ocorrida em 1889. Ao engrandecer o acontecimento, aproxima-se da comunidade negra, tornando-se um simpatizante favorável às conquistas conseguidas pelos negros.

Pesquisas mostram que no período entre 1973 e 1996, muitos brasileiros ascenderam socialmente, conforme apontam as análises de José Pastore e Nelson do Valle Silva (2000). Segundo dados do IPEA, a quantidade de negros pertencentes à classe média ainda é muito pequena. Apesar disso, a classe média negra das capitais brasileiras teve um crescimento relativo de 10% entre os anos de 1992 e 1999, chegando ao patamar de um terço da classe média brasileira.

No parágrafo 10, o novo presidente do Brasil, o enunciador, mais uma vez, usa o verbo agradecer ao apoio recebido pela senadora Benedita da Silva. Num grau de grande intimidade, dirige-se a José Dirceu, usando o apelido Zé. A receptividade do enunciatário é total, que se identifica com o apelido Zé. Utilizamos Houaiss para conhecer as acepções desse substantivo masculino. No uso informal, significa indivíduo comum, do

povo. No uso pejorativo, é indivíduo sem importância, que não tem peso social e é destituído de qualquer poder econômico; João-Ninguém. Somente uma pessoa mais chegada pode se dirigir ao articulador político do Partido dos Trabalhadores utilizando o apelido Zé.

Embora tenha iniciado o parágrafo 7 com o termo “por último”, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva não finaliza seu discurso. Volta a repetir agora o sinônimo de “por fim” para continuar sua prática discursiva. Agora é a vez do enunciador, o candidato eleito assumir de pronto o papel de presidente. Utiliza o pronome da primeira pessoa do singular, faz um anúncio, onde destaca a mudança do Brasil. Salaria o adjetivo paz, como que para induzir a um novo tempo. Paz tem um significado amplo e a ascensão de um partido de esquerda marca essa mudança, pois, até então, não se cogitava que outro partido que não o da situação, fosse representante da população brasileira.

É um governo ansiosamente aguardado pelo povo brasileiro. Um homem vindo da classe operária, um homem do povo, líder sindical que, com seu carisma, sua habilidade em dialogar, chega para ocupar o cargo maior da República brasileira. É um governo de esperança, onde o povo deposita todas as expectativas de mudança, de dias melhores, com aumentos salariais, objetivando melhor qualidade de vida a toda população brasileira.

O novo presidente tem a missão de mudar e mudar para melhor. É isso que espera os mais de 50 milhões de brasileiros que votaram em Luiz Inácio Lula da Silva. Esse voto representa um pedido de ajuda, de

melhoria nas condições gerais do País. É um voto de protesto contra os políticos que antecederam a Luiz Inácio Lula da Silva, o novo presidente do Brasil.

11. Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo. E hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.

No parágrafo acima, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva responde aos que não apoiaram a sua candidatura à presidente. Nas campanhas publicitárias, a oposição enfocou o fato de que o Brasil não estava pronto para aceitar mudanças políticas que poderiam acontecer ao se eleger um candidato do povo. Escolheu como representante uma das atrizes mais populares, Regina Duarte, que em campanha televisiva expôs seu medo.

Fausto Neto (2003) coloca que para contrapor a estratégia discursiva de Regina Duarte que, em horário nobre de televisão, disse ter “medo de Lula”, fazendo uma alusão à imagem do bicho-papão, usando a memória histórica de comunista que come criancinha, os articuladores da campanha política de Lula colocaram a jovem atriz Paloma Duarte para desempenhar o papel de professora que tem sensibilidade para as questões sociais. Ela vai ao programa do PT e desfaz o medo, falando da esperança. O fato é que essa campanha foi ao ar num dos intervalos da novela Esperança, líder de audiência no horário nobre, onde a vida de migrantes era narrada com bravura.

Para a economia do país, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva jamais representou um risco, mas para as instituições, era como se ele viesse para combater o sistema. O mesmo sistema que o elegeu.

Assim, ao enfatizar no parágrafo 11 que o Brasil está mudando, o enunciador dá um tom otimista ao enunciado, de que o povo viverá uma nova era, na crença de esperança de dias melhores. O novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva reconhece que havia medo em votar nele, porém ressalta que na prática do ato de votar, o povo deixou de lado o medo e apostou num novo governante. O voto em Luiz Inácio Lula da Silva implica numa ruptura organizacional, como se, ao realizar esse gesto, o povo estivesse descumprindo alguma ordem superior.

Dessa forma, a vitória representa mudanças na relação do Partido dos Trabalhadores com outros setores da sociedade, principalmente com o empresariado. O candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva reconhece que o discurso e as propostas do PT, de certa forma, provocavam medo no eleitorado, no enunciatário. Houve mudança, que foi reconhecida na eleição do enunciador Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil. Desde 1989, quando perdeu sua primeira eleição presidencial para Fernando Collor de Mello, o discurso, as propostas e a imagem do candidato e do partido foram se tornando menos radical, tornando-se mais acessível à população brasileira. É Luiz Inácio Lula da Silva, o enunciador, transformando sua formação ideológica e discursiva e alinhando com as expectativas de seu enunciatário, no caso formado pela população brasileira.

Retomando o discurso, o enunciador, o novo presidente dirige-se ao seu vice-presidente, no parágrafo 12, com grau de amizade e intimidade. Mais uma vez tenta finalizar seu pronunciamento, com ininterruptos agradecimentos.

Por último, eu quero agradecer essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. Já conversei com meu adversário, José Serra, recebi um telefonema dele agora pouco. Já conversei com muitas outras pessoas pelo país afora. Já agradei em público à minha mulher durante muito tempo, durante a campanha. Mas acho que esse companheiro aqui não foi a única, mas foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram nessa campanha de 2002. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice. Nós vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

É como se o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva quisesse apagar o passado e recomeçar; por isso ele não pretende elogiar os dirigentes que estão a seu lado, o prestigiando. Justificou até mesmo ter falado com o adversário político José Serra. Cita a sua mulher, a quem diz já ter feito um agradecimento, em particular. Agora o enunciador anuncia a chegada de um novo tempo, tempo que precisa estar de bem com seu vice-presidente, que os dois devem caminhar lado a lado. É a imagem do trabalhador e do empresário juntos, andando lado a lado, em vista de um ideal comum. O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva deixa de lado as regras do cerimonial imposta, a hierarquia, a figura da autoridade ao dizer – não vamos ser presidente e vice – vamos ser parceiros nos bons e maus

momentos, como se tivesse fazendo um pacto de união. É a imagem do enunciador Luiz Inácio Lula da Silva abrindo os braços para receber um novo amigo, não o vice-presidente, mas uma pessoa que o acompanhará o tempo todo e se solidarizará com ele.

No parágrafo 12, as promessas de fidelidade continuam. O funcionamento discursivo remete à imagem de um casamento marcado pelas palavras na alegria e na tristeza. Reforça o significado do termo companheiro, compara-o ao de irmão e faz o jogo de palavras. O candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva recorre à memória histórica do enunciatário, isto é, espera que seja um registro socialmente marcado pelo tempo, fazendo esse enunciatário integrar-se à enunciação, como vemos abaixo:

12. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

O enunciador espera uma reação do enunciatário, uma aprovação, um sim com a cabeça, ao pontuar seu discurso com o lado emocional. Ao usar o pronome de tratamento no plural, *vocês*, o enunciador quer se assegurar que está sendo ouvido, ele chama a atenção do enunciatário, o envolve no discurso.

O novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva usa a repetição [...] *quando eu falo companheiro, falo companheiro* para enfatizar o dito. O enunciador utiliza a emoção *com uma coisa muito forte no coração* para ser bem compreendido e valorizar o momento que está vivendo. Faz jogo

de palavras referindo-se ao vice-presidente José Alencar, um empresário, que atuará junto com o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, um ex-operário, ex-metalúrgico. Em algum momento suas vidas estavam em caminhos opostos, porém os interesses políticos ajudaram essa união, um presidente representante do povo e de outro lado, o vice-presidente, representando o empresariado, o dinheiro.

O enunciador, o candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva não esconde que gosta de falar, no parágrafo 13, pois não consegue parar, apesar da pressão pela qual está passando, porque necessita cumprimentar sua base eleitoral. Mais uma vez usa o pronome em primeira pessoa do plural nós, para continuar próximo do enunciatário, convidando-o a comemorar consigo a vitória.

“Nós vamos ter que ir à Avenida Paulista”, numa referência ao próprio enunciador. Faz com que o fato de ir à Paulista seja o cumprimento de um ritual, uma obrigação. O candidato eleito volta a repetir a mesma frase do início de seu discurso “amanhã nós vamos ter uma coletiva, mas... que eu vou fazer um pronunciamento”. Promete reunir-se novamente, no dia seguinte, e fazer uma nova declaração.

Em seguida, volta a agradecer a todos que colaboraram com sua vitória e destaca o personagem criado especialmente pelo diretor de Marketing, Duda Mendonça, para a campanha presidencial: Lulinha Paz e Amor. Essa nova imagem na campanha eleitoral foi considerada fundamental para sua vitória. O novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva reconhece ao citar o personagem nas últimas palavras de seu discurso.

Segundo o jornal O Estado de São Paulo, datado de junho de 2002, a nova imagem do candidato Luiz Inácio Lula da Silva era “uma versão alegre e jovial que sepultou o antigo Lula emburrado”. O candidato eleito Luiz Inácio Lula da Silva vestiu esse personagem, mudando também o seu discurso político de candidato. Parecia estar de bem com a vida. A nova figura mostrada era uma espécie de super-homem que pode tudo: cortar os impostos, elevar os salários, esvaziar os cofres públicos com o pagamento das dívidas e recheá-los de poupança interna, dar terras ao MST sem desrespeitar a propriedade privada, impor a uniformidade cultural sem suprimir o pluralismo democrático, combater o narcotráfico, ser amigo das esquerdas políticas, mas continuar se relacionando com os Estados Unidos.

Em um comício em Rio Branco, no dia 22 de agosto de 2002, o próprio candidato Luiz Inácio Lula da Silva acompanhava o debate entre seus adversários disse: "Lulinha não quer briga. Lulinha quer paz e amor". Estava criado o mote de sua campanha à vitória. Estava sintetizado o discurso político da conciliação, do entendimento e da negociação. A referência “paz e amor” nos remete à década de 60 e ao movimento hippie que utilizou, durante muitos anos, o slogan “Paz e Amor” acompanhado do símbolo em V, augurando um período sem guerras, sem revoluções, nem mortes.

3.4 O Segundo Discurso

O segundo discurso foi proferido no dia 1º de janeiro de 2003, no Parlatório, para mais de 10 mil pessoas que se aglomeravam na frente do Congresso Nacional. O novo discurso pode ser considerado o primeiro discurso oficial, dirigido às massas, feito pelo novo presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ao assumir, perante a Nação, a função de chefe do País.

Em todo o processo discursivo, o enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, faz questão de preservar uma prática discursiva facilmente reconhecida por seu enunciatário. Por meio da formação discursiva, que já sofre mudanças conforme vamos observar no desenvolvimento dessa análise, o enunciador torna-se identificável pelo enunciatário. Apesar de não estar acostumado com a nova prática discursiva, já que há algumas características típicas de discurso de dominância, do discurso político que traz a arte da persuasão, do discurso autoritário, o presidente da República dirige-se a um enunciatário maior, não apenas aquele presente ao evento, mas a toda população brasileira, formada por 175 milhões de pessoas.

As palavras do novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

1. Meus companheiros e minhas companheiras, Excelentíssimos senhores chefes de Estado presentes nesta solenidade, Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil, Meu querido companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República, Minha companheira querida, Dona Marisa, esposa do José Alencar, Minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é só meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança.

2. Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.

3. Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

4. Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

5. Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou no dia 27 de outubro. Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando para conquistar a democracia e a liberdade.

6. Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões de brasileiros e brasileiras.

7. Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.

8. Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

9. O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu

quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.

10. Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de Governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu Governo, o presidente, o vice e os ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.

11. Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para governador e três para presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar onde nós chegamos.

12. Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês, que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.

13. E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque

isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.

14. Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste Parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país. Meu abraço aos deputados, aos senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui. Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.

3.5 Análise do Segundo Discurso

Como de hábito, o enunciador, o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, abre seu discurso dirigindo-se a seu enunciatário, amigos e correligionários do Partido dos Trabalhadores, utilizando o jargão corrente do discurso sindical – companheiros e companheiras. Esse léxico é uma das marcas lingüísticas que acompanham o atual presidente desde o início de sua vida sindical até os dias de hoje.

1. Meus companheiros e minhas companheiras, Excelentíssimos senhores chefes de Estado presentes nesta solenidade, Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil, Meu querido companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República, Minha companheira querida, Dona Marisa, esposa do José Alencar, Minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é só meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança.

Os dois substantivos no plural, no feminino e no masculino, marcam a FD do enunciador, o novo presidente eleito do Brasil, que é facilmente

identificada e reconhecida pelo enunciatário. Mesmo assumindo a nova função de presidente da República, ao iniciar seu discurso, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva, mantém as marcas lingüísticas que acompanham sua prática discursiva há 25 anos.

Ao iniciar a enunciação, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva segue o protocolo. Primeiro quer chamar a atenção do enunciatário ao se dirigir a ele, com os léxicos "Meus companheiros e companheiras". Faz com que o enunciatário reconheça que, embora num posto de liderança política, o enunciador ainda espera encontrar no enunciatário o amigo que o acompanhou em toda sua jornada.

Seguindo o protocolo, dirige-se aos governadores presentes ao evento, porém não usa o pronome possessivo *meus*, porque reconhece que, embora tenha em alguns aliados políticos, nem toda a classe política pertence ao Partido dos Trabalhadores. Portanto, com naturalidade, mantém uma distância. O enunciador reconhece a importância de manter o protocolo, todas as hierarquias devem ser citadas, porém sem a demonstração de grau de intimidade, já que muitos dos líderes presentes ao evento, assumindo também o papel de enunciatário pertencem a outros partidos políticos.

Novamente dirige-se ao povo brasileiro denominando-os de "meus trabalhadores e trabalhadoras do Brasil". Nesse momento, o enunciador, o novo presidente da República, volta-se à classe operária, aos brasileiros que em sua grande maioria representa a população e votou em Luiz Inácio da Silva para ocupar o cargo de chefe da Nação.

Continua com o protocolo presidencial estabelecido ao presidente e dirige-se a seu vice-presidente, José Alencar. Volta a usar o pronome de primeira pessoa indicativo de posse, meu, o substantivo companheiro e o adjetivo querido. Estabelece nessa relação uma grande intimidade, facilmente reconhecida pelo enunciatário, acostumado com essa prática discursiva, estendendo esse grau de familiaridade à esposa de seu vice, D. Marisa.

Já, ao se dirigir à sua esposa Marisa, reconhece nela a grande companheira, que tem acompanhado toda sua trajetória política, compartilhando os bons e maus momentos e dividindo com ele a vitória de alcançar o cargo máximo de chefe da Nação.

O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva enfatiza que o grande sonho de conquistar o poder não foi só dele, mas de toda a população brasileira que deseja mudar o País. Ele coloca-se como o enviado para realizar essa tarefa.

Nesse parágrafo 1, o enunciador Luiz Inácio da Silva, na figura de presidente recém-empossado, reconhece a importância de seu cargo. Embora sua formação ideológica não esteja afinada com os protocolos exigidos, procura envolver o enunciatário, obedecendo a regras impostas e exigidas a quem ocupa o cargo como presidente do Brasil.

2. Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.

No parágrafo 2, o presidente Lula, o enunciador do discurso, é o sujeito da ação. Ao usar o pronome pessoal eu, assume a responsabilidade pela ação, uma pessoa socialmente constituída, que passa a ser reconhecida por sua enunciação. Luiz Inácio Lula da Silva assume para si o poder, a responsabilidade em ocupar um importante cargo, mas que ele espera dividir com seus amigos de poder a função para realizar um governo tão esperado pela maioria da população que votou em Lula para presidente e na legenda do Partido dos Trabalhadores.

Daí referir-se ao "momento histórico de nossa vida republicana". A chegada de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder, apesar das evidências históricas, foge à regra comum. O enunciador, novo presidente, representa a ascensão da classe trabalhadora ao poder, dos menos favorecidos, daquelas pessoas que chegaram a São Paulo, vindos do Norte do País, a procura de subsistência.

O enunciador, o homem do povo Lula, reconhece a vitória histórica vivida por ele, que representa o sonho de milhões de brasileiros. O homem do povo Lula é a personificação da esperança de milhares de brasileiros, que abandonaram sua terra natal em busca de oportunidades em outras capitais. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva aproveita para ressaltar a memória histórica do enunciatário, valorizando o momento de sua posse.

Ele como enunciador faz com que o enunciatário subentenda que algo diferente aconteceu na história do Brasil: a posse de um trabalhador, ex-líder sindical, ex-presidente do Partido dos Trabalhadores, um homem

comum como milhares de outros espalhados pelo País. O enunciador reconhece o valor da instituição política a qual assume no momento, e chama para si a responsabilidade de governar, fato que procura dividir com o seu vice-presidente, companheiro político, que está a seu lado.

Ao apontar para si a responsabilidade de realizar um bom governo realiza um ato ilocucionário, pois tem a obrigação de fazê-lo como presidente da República, porém, ao assumir esse poder em público, o enunciador, o novo presidente do Brasil, realiza um ato perlocucionário, pois adere a um princípio mais amplo, além de sua própria vontade individual. O enunciador procura persuadir o enunciatário de sua capacidade.

3. Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

Enquanto reconhece sua responsabilidade como presidente eleito, prevê que será um mandato dificultoso. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirma a dificuldade que terá em governar, pelo período de quatro anos, e fará tudo o que estiver a seu alcance para realizar um governo que considera justo. Nesse sentido, volta-se às promessas políticas realizadas quando candidato a presidente, onde destacou que o povo brasileiro necessitava de amplas mudanças na vida política.

A FD é conhecida pelo enunciatário, que reconhece a ideologia contida no processo discursivo e concorda que o novo presidente, se

quiser fazer um bom governo, deve cumprir as promessas feitas durante a campanha eleitoral.

O enunciador Luiz Inácio Lula da Silva mantém-se no papel de presidente da República imbuído de poder para conquistar mudanças importantes para o bem estar da população brasileira. Com isso, ficam subentendidos, para o enunciatário, que não serão poupados esforços para que tudo o que tinha sido prometido possa ser cumprido.

O enunciatário confia no enunciador, no novo presidente do Brasil, recém-empossado, para fazer um bom governo. O enunciatário acredita em todo o processo de enunciação, ele acompanha e compreende o raciocínio, pois desenvolve com o enunciador e se junta a ele na intenção em auxiliar na elaboração das reformas, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro em geral..

4. Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer convencer o enunciatário que suas promessas eleitorais serão cumpridas. Característica do discurso político, o enunciador utiliza-se de paráfrases. Repete o mesmo parágrafo várias vezes, de forma diferente, usando argumentos para envolver o enunciatário.

O enunciador declara a intenção de cumprir todas as promessas feitas durante a campanha eleitoral, pois todas são adequadas em proporcionar bem estar ao povo brasileiro. O enunciador subentende serem verdadeiras todas as promessas realizadas e espera que sejam cumpridas.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chama para a tarefa de bem governar o vice-presidente José Alencar. Ele repete novamente a enunciação de que irá fazer um bom governo para os brasileiros, assume compromissos e, mais uma vez, dirige-se aos homens, mulheres e crianças do País. O benefício à Nação está reproduzido em sua enunciação, o enunciador aceita e respeita as obrigações do poder público.

Ele coloca-se junto com o vice-presidente, José Alencar, e divide as responsabilidades do dito, numa atitude que, para o enunciatário, é de união e de luta pelo bem comum. No parágrafo 4 está subentendido que tanto o presidente eleito, o enunciador do discurso, como o vice-presidente, está pronto a cumprir o que foi colocado durante a campanha presidencial. Mais uma vez, o enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, realiza um ato perlocucionário, procurando convencer o enunciatário de sua sinceridade.

5. Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou no dia 27 de outubro. Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando para conquistar a democracia e a liberdade.

Retomamos Orlandi para destacar que toda formação discursiva caracteriza-se por sua relação com a formação ideológica. No parágrafo 5, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, recorre a fatos históricos para mais uma vez envolver o enunciatário. Ele utiliza a memória histórica aliada ao emocional do enunciatário para o processo de interação verbal. A marca lingüística do pronome pessoal no plural nós tem o valor de aproximar enunciador e enunciatário.

O presidente Lula discorre sobre os fatos que o levaram a concorrer à eleição presidencial, um processo longo que não começou com as campanhas políticas anuais, mas que datam de longos anos, inclusive evoca a ideologia política antes do surgimento do Partido dos Trabalhadores e a luta por um país mais justo, com igualdade social.

O enunciador procura justificar sua candidatura, revelando ser uma necessidade premente já que, antes dele e do Partido dos Trabalhadores, muitos brasileiros morreram em busca de um Brasil melhor. O novo presidente da República provoca reações emocionais no enunciatário, uma das características do discurso persuasivo. Ele quer convencer o enunciatário que fez a escolha correta ao votar nele.

Ao evocar o passado, o atual presidente pressupõe que sua eleição tem a função de preencher as necessidades de se ter um país mais justo e igualitário para todos os brasileiros. O enunciatário, por sua vez, fica convencido que votou corretamente, escolheu de maneira satisfatória o novo dirigente da Nação, o líder do Partido dos Trabalhadores. Para o

enunciatório fica claro e subentendido que o enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva é o candidato mais apto e honesto para dirigir os destinos do Brasil. O enunciador caracteriza o enunciatório como sendo soberano em sua escolha. O enunciatório torna-se elemento de decisão no processo eleitoral que culminou com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Isso fica claro no parágrafo 6:

6. Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões de brasileiros e brasileiras.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, numa atitude de humildade, agradece a Deus ter alcançado o poder máximo do Brasil. Com isso, ele novamente envolve o enunciatório, formado por católicos que têm fé e acreditam no poder das rezas. O enunciador reconhece esse fato, e vai mais longe. Ele se coloca como um agente responsável em atender as necessidades de milhares de brasileiros, pressupondo que uma força oculta teve total responsabilidade por sua vitória. Mais uma vez o enunciador, agora no papel de presidente, insiste em convencer o enunciatório que ele é a pessoa mais adequada para exercer a função para a qual foi designado.

Como um homem temente a Deus, agradece ao fato de estar no momento histórico correto para atender a vontade de milhares de brasileiros. O enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva valoriza o fato, chamando para si a responsabilidade de superar as

expectativas do eleitorado, colocando-se como o porta-voz dos anseios de todos os brasileiros.

7. Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.

Acompanhando a seqüência, novamente, o enunciador Luiz Inácio Lula da Silva coloca-se como o enviado dos céus para realizar o governo. Dessa forma, não poupa atributos à sua pessoa – como sendo a mais qualificada para exercer a função de presidente, já que conhece bem “a realidade e as dificuldades, que vamos enfrentar”.

Nesse contexto, o presidente Lula parece estar do lado do enunciatário e confirma que as dificuldades que seu governo enfrentará não serão poucas, mas que ele está pronto para superá-las. Por meio do processo discursivo, procura convencer o enunciatário que tem a força para exercer o mandato, graças a seu conhecimento de Brasil, e, num esforço de persuasão, mostra-se inteiramente apto para desenvolver tal tarefa. Ao afirmar *não existe, na face da Terra*, o enunciador quer envolver o enunciatário de sua certeza, de sua fidelidade, de sua capacidade em querer promover o desenvolvimento para o Brasil.

Embora utilize marcas lingüísticas de fácil compreensão pelo enunciatário, Luiz Inácio Lula da Silva obedece às regras formais da gramática. Faz uso de paráfrases para retomar seu raciocínio e prender a atenção do enunciatário que está acostumado com sua prática discursiva,

reconhece muitos elementos dêiticos, comuns do dialeto do novo presidente da República.

8. Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

Novamente, o enunciador, presidente Luiz Inácio Lula da Silva, coloca-se como sujeito do discurso, o protagonista principal, valorizando não o fato de ter ganhado a eleição, mas estar inscrito num fato histórico, já que, em sua opinião, está satisfazendo um sonho de gerações de pessoas. A interação entre enunciador, o presidente da República e o enunciatário, a platéia que o ouve e toda a Nação brasileira, está explícita no ato emocional.

Embora fosse o voto popular o responsável pela vitória do enunciador, no parágrafo 8 encontramos uma dicotomia. O enunciador alega que sua vitória não se deve ao resultado da eleição, mas a algo muito maior que está escrito na história do Brasil. Para ele, o enunciador, presidente eleito do Brasil, o fato que conta é ele estar cumprindo o sonho de milhares de brasileiros que desejaram chegar ao topo e não conseguiram. O enunciatário reconhece a enunciação como sendo legítima. O enunciador apela para o emocional, a memória histórica, citando fatos que considera importante para o fato de ter vencido a eleição.

Não se deve deixar de mencionar a expectativa que antecedeu as eleições presidenciais de 2002 e a vitória de um representante da classe

trabalhadora. O enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, admite o fato e transmite ao enunciatário sua alegria, que imediatamente realiza o fazer interpretativo.

9. O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.

O enunciatário percebe que houve mudança na prática discursiva do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. No parágrafo 9, o enunciador coloca-se inteiramente no papel de presidente da República e parafraseia sua intenção de realizar um bom governo. Ele quer convencer o enunciatário que fará um governo exemplar. Como recurso cita os compromissos assumidos na área da educação, saúde, reforma agrária, previdência social e o fim da fome. O enunciatário reconhece as promessas porque essas foram feitas durante a campanha eleitoral. Ao assumir isso perante o enunciatário, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, compromete-se em cumprir o que prometeu.

Procura evocar termos como ética e moral, já que o enunciatário vê com desconfiança os políticos que prometem e deixam de cumprir o estabelecido. O enunciador reconhece sua ligação com o enunciatário, existe uma cumplicidade, resultante do pleito eleitoral, que permite que o novo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, sele o compromisso assumido

com o eleitorado, seu enunciatório, que reivindicou as mudanças que acontecerão no futuro próximo.

Novos termos foram incorporados ao léxico, como por exemplo, *programático*, porém, ao se posicionar como responsável pelo programa de governo, o enunciador reconhece o poder do enunciatório e, em atitude humilde, agradece a nova posição que passa a ocupar, como presidente eleito do Brasil. Mais uma vez, o enunciador, passa as mãos na cabeça do enunciatório e evoca o apoio conquistado para que chegasse ao topo do poder.

10. Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de Governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu Governo, o presidente, o vice e os ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.

Nesse parágrafo, o enunciador, presidente Luiz Inácio Lula da Silva, imbuído da autoridade que a nova função assevera, comunica a todos que irá começar a trabalhar no dia seguinte, usando a imagem do trabalhador braçal, pronto para arregaçar as mangas e começar o árduo trabalho de governar o Brasil.

Repete as palavras, categoriza o enunciatório – homem, mulher, criança, jovem brasileiro. Ao classificar o enunciatório, o enunciador assume novamente seu comprometimento com a população brasileira como um todo. Em seguida, coloca-se fora da enunciação – o presidente, o vice-presidente e os ministros – para comunicar que seu escalão de

trabalhadores estará realizando aquilo que foi proposto durante a campanha eleitoral.

O enunciatório fica com a idéia de que o dia seguinte será um novo dia. A dêixis está presente nesse parágrafo, servindo de base de comprometimento para a realização do trabalho. A data está marcada, o futuro está lançado. O enunciador, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, coloca-se como uma nova esperança de dias melhores. É isso que se pressupõe com as palavras enfáticas do enunciador que diz que terá disposição para trabalhar 24 horas, se for necessário, para cumprir o que prometeu durante a campanha eleitoral. Ao fazer esse tipo de enunciação, ele convoca a população e principalmente seu vice-presidente a acompanhá-lo nessa jornada.

11. Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para governador e três para presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar onde nós chegamos.

O enunciador, presidente Luiz Inácio Lula da Silva, chega ao final da enunciação, com o tradicional *eu quero terminar*. Homenageia sua esposa, D. Marisa, elogiando seu modo de vestir. É como se o enunciador, o presidente, não tivesse presente. (...) *hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com*

que nós sonhamos tanto tempo. O enunciador coloca-se fora da enunciação, como um observador. E como observador, esse enunciador elogia a elegância da primeira dama que está ao lado do marido dela, ora o marido dela é o sujeito da enunciação, o presidente eleito. Em seguida insere-se no contexto do processo discursivo para voltar a enfatizar a importância do evento com que ambos – o presidente eleito e sua esposa D. Marisa - sonharam durante tantos anos.

Novamente assume o papel de candidato eleito e relembra as eleições perdidas, faz um saldo do que passou. Com amargura, destaca que na cultura política brasileira só os vencedores são reconhecidos. O enunciatário, mais uma vez, envolve-se pela argumentação, sem que haja necessidade do enunciador demonstrar a veracidade desse fato. O candidato a presidente rememora fatos conhecidos pelo enunciatário, como as derrotas de quatro eleições. Automaticamente, esse enunciatário dá o apoio necessário ao enunciador que continua o processo discursivo tecendo críticas ao próprio enunciatário - *E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua.*

Com autoridade de quem conhece a ideologia do Partido dos Trabalhadores, o novo presidente da República coloca-se como um discriminado pela sociedade brasileira, que, naturalmente, valoriza os campeões. A formação discursiva e a formação ideológica do enunciatário pertencem ao mesmo grupo do enunciatário. Para tornar a enunciação

mais evidente, o enunciador, o homem do povo, Lula, não utiliza a norma culta padrão do idioma, pelo contrário, faz questão de praticar desvios gramaticais, facilmente reconhecidos pelo enunciatário.

A enunciação prossegue. São feitos elogios à esposa, porém não é o enunciador, o presidente da República, o responsável pela enunciação. Agora quem o faz é o presidente do Brasil no papel de marido: *Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar.*

12. Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês, que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.

O enunciador, no papel de novo presidente, respeita as instituições e cita o nome de quase todos os Estados brasileiros. Em alguns, como é o caso de Brasília ou Bahia, coloca o substantivo companheiro, como se tivesse uma relação mais estreita, subentendendo uma aproximação direta, talvez porque Brasília seja a sede do governo federal ou porque tem melhor aceitação nos estados do Nordeste, melhor relacionamento com a população de São Paulo e com os estados do Sudeste. Aproveita

sua história de vida e dirige-se à sua cidade natal Garanhuns, em Pernambuco. Parafraseia-se, prometendo realizar um governo de austeridade, honestidade e respeito.

Faz uso de dois importantes esquemas usados pelo discurso persuasivo, a afirmação e a repetição. Coloca-se com fluência, com certeza e até imperativamente para persuadir o enunciatário de sua enunciação, convencendo-o da intenção do enunciador. E, nesse caso, o novo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não poupa repetições, para se fazer compreender e ter a aceitação do enunciatário. Promete respeito, tanto que compara a população brasileira a seus filhos e netos – pessoas que o novo presidente, o enunciador Lula – mais respeita. O enunciatário pressupõe que o novo presidente, o enunciador, que naquele momento se articula, procura atingir metas que beneficiem interesses maiores, a coletividade como um todo, fugindo totalmente de seus anseios particulares. O enunciatário reconhece esse enunciador político que assume perante todos o papel da instituição politicamente reconhecida, como é o caso da Presidência da República.

13. E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.

O enunciador assume o papel de presidente e junto com o enunciatário, a coletividade brasileira, convida a todos para, juntos,

combaterem um dos principais males do Brasil: a fome. Vale destacar que o Programa Fome Zero foi o marco da campanha eleitoral do candidato Luiz Inácio da Silva.

Ao propor ao enunciário participar, junto com a instituição governo, na erradicação da fome do País, o líder Luiz Inácio Lula da Silva aproxima-se do enunciário, tornando-o co-responsável pelo sucesso do governo. No parágrafo 13, a formação discursiva coloca-se de maneira coerente com a formação ideológica, pois um dos intuitos de se ter justiça social é acabar com a fome no país. O enunciário reconhece esse discurso e aceita as condições para participar e realizar um governo que promova a erradicação da fome.

Nesse parágrafo, encontramos como enunciador, o católico Lula, que faz uso do discurso religioso para que seu processo de enunciação seja completamente aceito sem ser questionado pelo enunciário. Quando se refere a Deus, consegue convencer o enunciário, sem tornar-se autoritário. Referindo-se a Deus, o enunciador coloca uma voz que não é a sua e, que, portanto, ele pode ser um interpretador dessa voz, não o responsável por ela.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva evoca a Constituição Brasileira para tornar mais persuasiva a sua intenção. Mais uma vez, não é a sua voz que ouvimos, mas o enunciador é o porta-voz da Constituição Brasileira, que coloca que nenhum brasileiro pode passar fome. Usa a coerção, os aparelhos ideológicos, como a própria Constituição, a Bíblia, a Declaração dos Direitos Humanos para apregoar que o homem não pode

passar fome. E ele, em nome da instituição, presidente do Brasil, convida a coletividade como um todo para auxiliá-lo nessa tarefa de não permitir que nenhum brasileiro, no primeiro plano, venha a morrer de inanição.

Usando os postulados de Koch (2004), temos que o argumento introduzido por autoridade polifônica não se apresenta como autoritário, mas não pode ser contestado nem julgado, em termos de verdadeiro ou falso, pois é reproduzido por um enunciador diferente do locutor. Nesse caso, é avalizado pelas instituições oficiais e totalmente reconhecido pelo enunciatário.

O enunciatário reconhece o valor das instituições citadas, a ideologia e a força para que essa intenção possa ser atingida. O enunciatário dispõe-se a participar, junto com o enunciador, para que esse programa de governo se torne eficaz e combata a fome no País. O enunciatário realiza o fazer interpretativo e acredita estar diante de um novo governo que irá lutar por mais justiça social entre os homens.

O processo de persuasão está completo nesse parágrafo, representado por todas as instituições que são conhecidas do enunciatário: a igreja, o governo, o mundo.

14. Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país. Meu abraço aos deputados, aos senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo

brasileiro, que me colocou aqui. Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.

Exercendo o papel de amigo, o enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, começa a mandar “aquele abraço” a outros os representantes da população brasileira. Aos portadores de doenças físicas, agradece a presença. Ao dirigir-se à imprensa, o enunciador o faz com grande informalidade, permitindo ao enunciatário subentender a importância que os jornais, a televisão e as revistas tiveram para apresentar todas as nuances da campanha eleitoral e permitir que cada brasileiro pudesse escolher seu candidato por meio do voto.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cita a presença dos senadores e deputados, presentes à posse e, mais uma vez, com humildade, solicita o apoio de todos os brasileiros, principalmente daqueles que votaram nele, para ajudá-lo a realizar um governo de qualidade, que faça a diferença para o Brasil. O enunciador convoca a sociedade brasileira e quer dividir com ela seus trunfos, derrotas e vitórias.

3.6 Considerações Finais

No primeiro discurso, não-oficial, o enunciador, o novo presidente eleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva ressalta a posição de homem simples, do povo, que faz parte de uma classe discriminada social e economicamente. Ele, em nome do Partido dos Trabalhadores, representante oficial da classe trabalhadora, passa a assumir uma nova função: a de presidente da República.

Nesse processo discursivo, o enunciador pede a ajuda do povo brasileiro, solicita apoio, consola o amigo, agradece pela vitória. O que o novo presidente deseja é ter a colaboração de toda a população brasileira, mesmo daquela que não votou nele, para conseguir realizar um bom governo.

A platéia desse primeiro discurso de Lula é formada pelos correligionários de partidos, militantes do Partido dos Trabalhadores, pessoas que ajudaram diretamente na conquista de seu novo cargo.

No primeiro discurso, o enunciador assume diversos papéis. Ele é o Lula amigo da classe trabalhadora, é o Lula marido, o Lula homem do povo, Lula candidato a presidente da República, entre outros. Seu processo discursivo encontra um enunciatário receptivo, pronto para aceitar a enunciação.

Neste momento, o enunciador reconhece que ocupa um lugar da sociedade e realiza a enunciação para outro alguém, o enunciatário, que também ocupa um lugar na sociedade. Esse enunciatário recebe o pronunciamento do novo presidente eleito e a enunciação tem significado. Há, nos mecanismos de formação social, regras que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações contidas no interior do discurso.

É isso que o enunciador, Luiz Inácio Lula da Silva, projeta em suas palavras. Ele adota recursos lingüísticos aceitos por seus enunciatários, determinando, assim, a relação social estabelecida. O enunciador – Lula – produz a linguagem e também está reproduzido nela, acreditando ser a

fonte exclusiva de seu discurso. Porém, ao produzir efeito de sentido, há a formação discursiva determinada na formação ideológica. Todo o discurso de Lula é pontuado por essa ideologia, por essa composição que forma o personagem Luiz Inácio Lula da Silva: o homem, o metalúrgico, o trabalhador, o sindicalista, o líder, o candidato, o vencedor e, por último, o presidente.

O enunciador interage com o enunciatário assumindo vários papéis, inclusive a própria posição de enunciatário, estabelecendo uma dinâmica constante com o seu processo discursivo. Utiliza-se dos pronomes pessoais de primeira pessoa tanto do singular como do plural, dos pronomes de tratamento você, vocês, nomeia instituições, dirige-se a amigos íntimos e a outros não tão próximos. Agradece, saúda, faz referências históricas, convida, troca idéias e ideais. Enfim, estabelece como enunciador um grau de intimidade com seu enunciatário.

Já no segundo processo discursivo encontramos características diferentes. Embora apresente a mesma formação discursiva, com as marcas lingüísticas que podem ser reconhecidas pelo enunciatário, a enunciação como presidente passa a ter regras formais de apresentação. Há mudanças na enunciação. A paráfrase torna-se marcante. Todos os parágrafos são pontuados por repetições que procuram esclarecer a posição do novo presidente eleito, que ora assume o poder, mas que também procura o apoio do enunciatário para poder exercer esse mandato e ter avalizado seu comprometimento com toda a população brasileira.

Nesse segundo discurso, o enunciador, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixa de lado o discurso sindical, para realizar um processo discursivo com características de discurso autoritário, pois todos os parágrafos possuem o mesmo sentido, dito de maneira diferente, reforçando a intenção do enunciador, não permitindo ao enunciatário reagir de maneira fora da esperada.

O enunciador, nesse momento, envolve o enunciatário, estabelecendo relações de cumplicidade, impondo a verdade. O enunciador justifica-se como representante do povo, como chefe de governo, caracterizando-se como diretamente ligado ao interesse amplo e geral de fazer o bem para a Nação brasileira.

As marcas lexicais sofreram refinamento. Há jogos de palavras, metáforas, que são utilizadas com a finalidade de fazer com que o enunciatário interaja com a enunciação e aceite o novo processo discursivo.

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva passa a absorver novas formações ideológicas, pois reconhece, como enunciador o que pode e o que não deve ser dito, pois existe um discurso exterior ao sujeito, uma formação discursiva na qual o sujeito se identifica. Essa formação discursiva é aberta, pois sempre aparecem novos elementos, sob a forma de pré-construídos que atravessam esses discursos.

Dessa forma, encontramos um enunciador pronto a assumir novos processos discursivos, acompanhando naturalmente a sua ascensão ao poder. Sai de cena o líder sindical e metalúrgico Lula, e entra um novo

homem, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente do Brasil, que reconhece o valor das instituições, da hierarquia, que respeita os políticos e que pactua com o empresariado, tendo o único objetivo de realizar um governo de bem-estar a todos os brasileiros.

Baseando-se nas teorias do discurso de linha francesa, que não entendem o sujeito como centro do discurso, pois o sujeito perde o papel de centro e é substituído por diferentes vozes sociais, que faz dele um sujeito histórico e ideológico, podemos concluir:

1. Houve mudança na formação discursiva entre o primeiro e segundo discurso. O presidente eleito adota elementos característicos do discurso de dominação. O enunciador aceita a hierarquia, porém a utiliza para tornar a enunciação significativa.

2. O segundo discurso sofre característica de um discurso autoritário, pois tenta persuadir, durante todo o tempo, o enunciatário utilizando a paráfrase. Embora possamos reconhecer as marcas lingüísticas do discurso sindical, houve alteração significativa do léxico utilizado. Novos termos foram incorporados ao processo discursivo do enunciador, que são facilmente identificáveis pelo enunciatário que reconhece e aceita a enunciação como verdadeira.

3. Ambos os discursos procuram induzir o enunciatário a subentender a mensagem, envolvendo-o para que chegue, sem questionar, a realizar o fazer persuasivo, tendo absoluta certeza, sem questionar, de que o novo presidente da República é o homem adequado para dirigir o futuro da Nação brasileira.

Dessa forma, retomando os objetivos propostos: 1. evidenciar as marcas textuais encontradas no corpus; 2. apresentar as formações discursivas e ideológicas, a argumentação utilizada como pano de fundo e as influências sócio-culturais existentes entre essas manifestações; 3. mostrar como o sujeito do discurso utiliza-se de diferentes vozes para chamar a atenção do enunciatário e assume diversos papéis na produção discursiva.

Primeiramente, podemos expor que novos elementos lexicais foram incorporados à enunciação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que embora continue a praticar desvios gramaticais da norma culta introduziu novas marcas lingüísticas a processo discursivo.

Em segundo lugar, pudemos evidenciar a transformação existente nas formações discursivas e ideológicas do enunciador, que passou a aceitar e a respeitar as instituições, a hierarquia. Por fim, podemos afirmar que o enunciador procura manter-se fiel à prática discursiva do início de sua atividade política, porém ao assumir o cargo de presidente da República aceita as mudanças naturais do cargo. Embora prefira falar de improviso, onde consegue interagir melhor com o enunciatário, obedece às regras sociais inerentes à função de presidente do Brasil. Vimos que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ancora-se em diversos papéis por meio do uso dos pronomes de tratamento eu, nós, você, vocês. O eu é usado pelo enunciador de maneira atuante, o nós envolve enunciador e enunciatário e você, vocês ao enunciatário. Com isso, o enunciador também assume vários papéis: operário, amigo, metalúrgico, líder,

candidato, marido, presidente e, para que cada um desses, uma representação discursiva correspondente.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Maria Carolina. População negra no mercado de trabalho. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/05.shtml>. 10/11/2003. Acesso em 18 de março de 2005.

ARQUIVO NACIONAL (2003). Os presidentes e a República: Deodoro da Fonseca a Luiz Inácio Lula da Silva. Rio de Janeiro: O Arquivo.

BAKHTIN, Mikhail. (2003). Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1990). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec.

CARVALHO, Olavo. Lula e lulas. O Globo, 02/11/2002. Disponível em <http://www.olavodecarvalho.org/semana/02112002globo.htm>. Acesso em 18 de março de 2005.

CITELLI, Adilson. (2002). Linguagem e Persuasão. São Paulo: Editora Atica.

CLARK, Katerina & HOLQUIST, Michael (1998). Mikhail Bakhtin. São Paulo: Perspectiva (Coleção Perspectiva).

CORACINI, Maria José (1991). Um fazer persuasivo – O Discurso Subjetivo da Ciência. Campinas, SP: Pontes.

DIJK, Teun A Van (1997). Discourse as Structure and Process – Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction. v 1. SAGE PUBLICATION.

_____ (1999). Cognição, Discurso e Interação. Organização: Ingedore Villaça Koch. São Paulo: Contexto.

_____ KINTSCH, W.(1983). Strategiest of discourse comprensión. Nova York: Academia Press.

DUCROT, Oswald. (1987). O Dizer e o Dito. Campinas, SP: Pontes.

FAUSTO NETO, Antonio & RUBIM, Antonio Albino Canelas & VERON, Eliseo. (2003). Lula Presidente: Televisão e Política na Campanha Eleitoral. São Paulo: Hacker; São Leopoldo, RS: Unisinos.

FIORIN, José Luiz (2002). Elementos de Análise do Discurso. 11ª. ed. São Paulo: Contexto, (Repensando a Língua Portuguesa).

_____ (2002). *As Astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2a.ed. São Paulo: Ática.

FOUCAULT, Michel (2004). *A arqueologia do saber*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO Secretaria de Assuntos Institucionais do PT.
http://www.fpabramo.org.br/memoria/ptdoc_bibli/

GOFFMAN, Erving.(1985). *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes.

JAKOBSON, Roman (et al.) (1983). *Língua, discurso, sociedade*. São Paulo: Global Ed.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2004). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.

MAINGUENEAU, Dominique. (1998). *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____ (2001). *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.

_____ (1996). *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Leitura e Crítica).

_____ (1996). *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Leitura e Crítica).

_____ (1998). *A interação pela linguagem. Repensando a Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto.

_____ (1997). *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes.

_____ & CHARAUDEAU, Patrick (2004). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

MARKUN, Paulo. Hoje, Lula está bom. Disponível em 19 de abril de 2005.
<http://tv.terra.com.br/jornaldoterra/interna> Acesso em 18 de julho de 2005.

MOREL, Mário (1981). *Lula – o metalúrgico. Anatomia de uma liderança*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

ORLANDI, E. (1984). *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. (1999). Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes.

OSAKABE, Haqira (1999). Argumentação e Discurso Político. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.

PARANÁ, Denise (2002). Lula, o filho do Brasil. 2ª. Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

PÊCHEUX, Michel (1997). O Discurso – Estrutura ou Acontecimento – Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2ª. ed - Campinas, SP: Pontes.

_____ (1990) A análise do discurso: três épocas. Organizadores: Françoise Gadet; Tony Hak (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas, SP: Ed. Campinas.

_____ (1997) Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organizadores: Françoise Gadet; Tony Hak. Campinas, SP: Ed. Unicamp.

SPINK, Mary Jane P. (2000). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez.

<http://www.abcdeluta.org.br/memoria/> Eleições no Sindicato dos Metalúrgicos de SBC e Diadema de 1975. Realização: Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Gestão 1999/2000. Acesso em 15/01/2005.

<http://comentepoder.zip.net/index.html>. A Campanha Presidencial de 2002 - Duda muda Lula (parte IV), Disponível em 8 de abril de 2004.

http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/governolula/presidente-o_eleito.shtml

<http://houaiss.uol.com.br/> Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Disponível em www.uol.com.br Acesso em 15/05/2005

http://www.presidencia.gov.br/planalto.gov.br/exec/inf_discursosdata1. Disponível em 01/01/2003. Acesso em 18 de março de 2005.

SAVAZONI, Rodrigo. Passando o abacaxi. Disponível em: <http://www.emcrise.com.br/ensaios/ensaiotransicao.htm> EmCrise – 12/2002. Artigo publicado inicialmente na Revista do Sindicato dos Bancários de SP. Acesso em 11/08/2005

TEIXEIRA, Ariosto. Pela quarta vez um discurso diferente. Disponível em <http://www.estadao.com.br/ext/eleicoes2002/perfis/lula> Eleições 2002. Acesso em 18 de março de 2005

_____. O operário presidente. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ext/eleicoes2002/colunas/ariosto28.htm>.

Eleições 2002 - 24/10/2002. Acesso em 18 de março de 2005